UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LETRAS

MESTRADO EM LETRAS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ANA LÚCIA ARRUDA CARDOZO

DIVERSIDADE DE VOZES, ABORTO E AUTOBIOGRAFIA: *O ACONTECIMENTO* (2022), DE ANNIE ERNAUX, SOB UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

RIO GRANDE

2026

ANA LÚCIA ARRUDA CARDOZO

DIVERSIDADE DE VOZES, ABORTO E AUTOBIOGRAFIA: *O ACONTECIMENTO* (2022), DE ANNIE ERNAUX, SOB UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Orientadora: Profª. Drª. Kelli Machado da Rosa

RIO GRANDE

2026

C268d

Cardozo, Ana Lúcia Arruda
Diversidade de vozes, aborto e autobiografia: *O acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, sob uma perspectiva Bakhtiniana / Ana Lúcia Arruda Cardozo - 2026.
87f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Programa de Pós-Graduação em Letras, 2026.

Orientadora: Dra. Kelli Machado da Rosa

1. Letras. 2.Annie Ernaux. 3. Aborto. 4. Autobiografia. 5. Signo ideológico. 6. Bakhtin. I. Rosa, Kelli Machado da. II. Título.

CDU 81/82

Catalogação na fonte: Bibliotecária Brenda Sequeira CRB10/1979

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 03/2026

No dia dezessete de março de dois mil e vinte e seis, através de reunião híbrida, realizou-se a 300ª defesa de dissertação no PPGL-FURG, da mestranda Ana Lúcia Arruda Cardozo, intitulada: **"Diversidade de vozes, aborto e autobiografia: *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, sob uma perspectiva Bakhtiniana"**. A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pela Profa. Dra. Rosely Machado (FURG) e pelo Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves (UFPR). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que APROVA a mestranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos da Linguagem. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.

gov.br Documento assinado digitalmente
KELLI MACHADO DA ROSA
Data: 17/03/2026 16:50:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa (orientadora – FURG)

gov.br Documento assinado digitalmente
JEAN CARLOS GONCALVES
Data: 17/03/2026 18:36:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves (UFPR)

gov.br Documento assinado digitalmente
ROSELY DINIZ DA SILVA MACHADO
Data: 17/03/2026 17:05:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Rosely Machado (FURG)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu filho, Yure Arruda Cardozo Ortiz, sem ele eu jamais chegaria até aqui. Ele, meu filho, foi o suporte, o incentivo, o apoio necessário e fundamental para a construção deste trabalho.

Dedico à minha mãe, Sra. Sirlei Sória Arruda, este ser humano que humildemente me educou e construiu quem hoje sou.

E, por fim, dedico a presente pesquisa a todas mulheres que em silêncio ou em resistência passaram por experiências que o mundo insiste em ocultar. Àquelas que tiveram seus corpos mutilados e julgados, suas vozes interrompidas e que precisaram transformar a sua dor e medo em memória.

AGRADECIMENTOS

Desde que me graduei e decidi executar esta pesquisa, foram muitas as emoções que vivi, entretanto tive ao meu lado familiares e amigos que são muito importantes para mim e a eles transfiro meus sinceros agradecimentos.

Agradeço sempre ao meu filho Yure, principalmente por nunca ter vergonha de estar comigo na Universidade e de estar presente em algumas disciplinas, ao contrário, sendo sempre muito atencioso e por vezes até engraçadinho. Meu filho sempre acreditou no meu potencial, é minha base, meu sustento, tudo por ele e para ele.

Agradeço a minha mãezinha, Dona Sirlei, por ter paciência comigo, por em momentos difíceis, de muito choro e insegurança e de muita emoção, ela estar ali, firme e forte, me acompanhando.

Agradeço à minha colega Ana Carolina Tavares, com quem me graduei, fizemos nosso estágio e durante dias com muitos desabafos e dúvidas, ela esteve ali, me aturando e me aconselhando.

Agradeço ao meu amigo, meu anjo desde a graduação e aquele que mantém comigo uma relação de amizade linda, Prof. Dr. Eduardo Moll. Este amigo perseverante, que se mantém constante há anos.

Agradeço a minha excelente e maravilhosa orientadora Profª. Drª. Kelli Machado da Rosa. Minha orientadora incansável, carinhosa e muito paciente, esteve sempre presente me ouvindo e me direcionando.

Agradeço ao Prof. Dr. Antônio Mousquer que me incentivou e me apresentou ao objeto de meu estudo.

RESUMO

Esta dissertação analisa, sob uma perspectiva bakhtiniana, a obra O Acontecimento (2000; ed. bras. 2022), da escritora francesa Annie Ernaux, enfocando os signos ideológicos relacionados ao aborto. A narrativa, compreendida como autossociobiográfica, articula memória pessoal e dimensões coletivas, transformando uma experiência íntima de aborto clandestino na França dos anos 1960 em testemunho social e político. A análise qualitativa, bibliográfica e interpretativa mobilizou os conceitos de signo ideológico, heterodiscurso, excedente de visão e compreensão responsiva, de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, em diálogo com comentadores contemporâneos, além de algumas proposições de teóricas feministas como Simone de Beauvoir, bell hooks, Lúcia Xavier, Bruna Benevides e Conceição Evaristo. O objetivo geral desta pesquisa é analisar de que modo o signo ideológico “aborto” se configura na obra *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, como elemento constitutivo da escrita autobiográfica, revelando as relações entre o discurso individual e as vozes sociais que o atravessam. Para isso: a) examinar, neste trabalho, como a experiência individual do aborto é construída discursivamente enquanto signo ideológico, evidenciando o entrelaçamento entre memória pessoal, vozes sociais e valores históricos; b) compreender de que forma a escrita autobiográfica de Annie Ernaux, à luz dos pressupostos bakhtinianos, evidencia que o relato íntimo é socialmente constituído, promovendo o deslocamento do eu para o nós, do privado para o público e do íntimo para o histórico, e permitindo que a narrativa funcione como espaço de resistência e de responsabilidade social. Os resultados indicaram que o aborto é construído como um signo ideológico em disputa, atravessado por valores sociais, jurídicos, religiosos e pelo discurso médico, refletindo desigualdades de classe, interditos institucionais e o silêncio imposto às mulheres. Ao objetivar uma escrita sóbria e documental, Ernaux, com seu estilo autobiográfico, inscreve sua obra como gesto político de resistência, convertendo a dor pessoal em denúncia coletiva. Dessa forma, a pesquisa evidencia que a literatura, quando contemplada a partir da teoria bakhtiniana, constitui um espaço privilegiado de reflexão crítica sobre corpo, gênero, memória

e ideologia, iluminando debates contemporâneos sobre autonomia feminina e direitos reprodutivos.

Palavras-chave: Annie Ernaux; aborto; autobiografia; signo ideológico; Bakhtin.

ABSTRACT

This dissertation analyzes, from a Bakhtinian perspective, the work *Happening* (*L'Événement*, 2000; Brazilian edition 2022), by the French writer Annie Ernaux, focusing on the ideological signs related to abortion. The narrative, understood as autosociobiographical, articulates personal memory and collective dimensions, transforming an intimate experience of clandestine abortion in France in the 1960s into a social and political testimony. The research, of a qualitative, bibliographic, and interpretative nature, is guided by the theoretical contributions of Mikhail Bakhtin and Valentin Volóchinov, mobilizing the notions of ideological sign, heteroglossia, surplus of vision, and responsive understanding, in dialogue with contemporary commentators, as well as with propositions by feminist theorists such as Simone de Beauvoir, bell hooks, Lúcia Xavier, Bruna Benevides and Conceição Evaristo. The general objective of this research is to analyze how the ideological sign "abortion" is configured in *Happening* (2022), by Annie Ernaux, as a constitutive element of autobiographical writing, revealing the relations between individual discourse and the social voices that permeate it. To this end: (a) this study examines how the individual experience of abortion is discursively constructed as an ideological sign, highlighting the intertwining of personal memory, social voices, and historical values; (b) it seeks to understand how Annie Ernaux's autobiographical writing, in light of Bakhtinian assumptions, demonstrates that intimate narrative is socially constituted, promoting a shift from the "I" to the "we," from the private to the public, and from the intimate to the historical, thus allowing the narrative to function as a space of resistance and social responsibility. The results indicate that abortion is constructed as an ideological sign in dispute, permeated by social, legal, religious, and medical discourses, reflecting class inequalities, institutional prohibitions, and the silence imposed on women. By adopting a sober and documentary style, Ernaux, through her autobiographical writing, inscribes her work as a political gesture of resistance, transforming personal pain into collective denunciation. Thus, the research demonstrates that literature, when approached through Bakhtinian theory, constitutes a privileged space for critical reflection on

body, gender, memory, and ideology, shedding light on contemporary debates on female autonomy and reproductive rights.

Keywords: Annie Ernaux; abortion; autobiography; ideological sign; Bakhtin.

Pode ser que um texto como este provoque irritação, ou repulsa, ou seja considerado de mau gosto. Ter vivido uma coisa, qualquer que seja, dá o direito imprescritível de escrevê-la. Não existe verdade inferior. E, se eu não relatar essa experiência até o fim, estarei contribuindo para obscurecer a realidade das mulheres e me acomodando do lado da dominação masculina do mundo.

Annie Ernaux – *O Acontecimento (2022).*

SUMÁRIO

1.CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... 13

1.1. O lugar da pesquisadora na construção do objeto 13

1.2. O encontro com *O Acontecimento* e a constituição do objeto de pesquisa 17

2. O ABORTO COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO E SIGNO IDEOLÓGICO 33

2.1. O aborto na França dos anos 1960: contexto jurídico, social e moral 33

2.2. O movimento feminista francês e as transformações legais 37

2.3.*O Acontecimento*: estrutura, narrativa e projeto autossociobiográfico 44

3. REFERENCIAL TEÓRICO..... 50

3.1 Sociedade, ideologia e linguagem: uma relação constitutiva 51

3.2 Autobiografia – Annie Ernaux entre documento e literatura 56

4. METODOLOGIA 65

5. ANÁLISE DA OBRA *O ACONTECIMENTO*, DE ANNIE ERNAUX 70

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 83

REFERÊNCIAS..... 86

1.CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As considerações iniciais desta dissertação encontram-se organizadas em duas seções complementares, que visam situar tanto o percurso da pesquisadora quanto a constituição do objeto de investigação. Na primeira seção, intitulada *O lugar da pesquisadora na construção do objeto*, explicita-se a posição axiológica a partir da qual esta pesquisa se constrói, comprovando que todo gesto investigativo é atravessado por valores, experiências e horizontes sociais que orientam o olhar teórico-analítico, bem como a experiência vivida pela pesquisadora. Procura-se, assim, assumir a implicação da pesquisadora no processo de delimitação e interpretação do *corpus*, em consonância com a perspectiva dialógica que compreende o conhecimento como situado e responsivo. Na segunda seção, *O encontro com O Acontecimento e a constituição do objeto de pesquisa*, apresenta-se o percurso que levou à escolha da obra da escritora Annie Ernaux como corpus, assim como o modo pelo qual o objeto foi sendo delineado a partir do diálogo entre a narrativa autobiográfica e os aportes teóricos do Círculo de Bakhtin. Trata-se, portanto, de explicitar não apenas o objeto em si, mas o processo de sua construção enquanto acontecimento teórico e investigativo.

1.1. O lugar da pesquisadora na construção do objeto

Me chamo Ana Lúcia, e a minha trajetória de vida se divide em duas etapas profundamente importantes. A primeira etapa contempla minha infância e adolescência e nesta fase estão meus sonhos, minhas dúvidas com relação à profissão que, futuramente eu exerceria, e por fim meu ensino médio que foi Técnico em contabilidade, ou seja, nada nem perto do que escolhi. Minha segunda etapa foi a adulta, e essa sim definiu, embora por caminhos totalmente diferentes, o que hoje sou e amo fazer. Sou graduada em Letras Português Francês – pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG – não foi nada fácil chegar até aqui, pois tenho 55 anos e sofri alguns preconceitos, mas com muita determinação e foco, me formei e hoje sou pesquisadora pelo Programa de Pós-Graduação de Letras da FURG – PPGLetras/FURG. Esta pesquisa inscreve-se

no campo dos estudos da linguagem e se ancora em uma perspectiva dialógica do discurso, construída a partir das contribuições de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, além de outros autores que compõem o arcabouço teórico deste estudo. A escolha da obra não se limita a seu valor literário, mas se relaciona à possibilidade de analisar como uma experiência íntima e historicamente silenciada é transformada, por meio da escrita autobiográfica, em um discurso de alcance social e político.

Refletir sobre o lugar ocupado por mim, enquanto pesquisadora, na construção do objeto de estudo constitui, assim, um gesto teórico, metodológico e ético fundamental. À luz dos pressupostos bakhtinianos, compreende-se que todo enunciado é produzido a partir de uma posição social, histórica e axiológica determinada, o que inviabiliza qualquer pretensão de neutralidade absoluta no campo científico. Explicitar o lugar enunciativo da autora desta dissertação, portanto, não se configura como um exercício de autorreferencialidade ou confissão autobiográfica, mas como um ato de responsabilidade discursiva.

Na perspectiva bakhtiniana, o sujeito é sempre situado e responsivo, isto é, ele fala a partir de um lugar específico no mundo e responde a outros discursos que o antecedem e o interpelam. Desse modo, a pesquisa aqui desenvolvida assume que o conhecimento produzido é inseparável das condições sociais, históricas e ideológicas que me atravessam enquanto pesquisadora e sujeito de linguagem. Esta introdução, portanto, tem como objetivo explicitar o lugar a partir do qual essa dissertação se constrói, evidenciando como a trajetória acadêmica, as escolhas teóricas e o compromisso ético com o objeto orientam o gesto analítico realizado.

A escolha da obra *O Acontecimento,* de Annie Ernaux, também se vincula a uma experiência pessoal que, ainda que distinta daquela narrada pela autora francesa, atravessa minha trajetória na qualidade de mulher e pesquisadora, contribuindo para o modo como me aproximo deste objeto. Aos 20 anos, vivi minha primeira gestação, momento marcado por expectativas e projetos compartilhados com meu então companheiro, hoje falecido. Tratava-se de um período de grande alegria e esperança, interrompido, contudo, por um aborto espontâneo decorrente de um quadro de adoecimento. A perda do bebê constituiu uma experiência profundamente significativa, não apenas no plano

afetivo, mas também no modo como passei a compreender o corpo feminino, a maternidade e a vulnerabilidade das mulheres diante de processos reprodutivos atravessados por silêncio, dor e solidão.

Mesmo que se trate de experiências distintas, um aborto espontâneo e um aborto clandestino, o contato com a narrativa de Ernaux produziu em mim um movimento de reconhecimento ético e discursivo. Em *O Acontecimento*, a autora não apenas narra um evento traumático, mas expõe as condições sociais, jurídicas e simbólicas que cercam a experiência feminina do aborto, evidenciando o isolamento, o medo e a responsabilização individual impostos às mulheres. Esse gesto de escrita possibilitou-me refletir sobre como diferentes vivências reprodutivas femininas, ainda que diversas em suas causas, são frequentemente atravessadas por silenciamentos e pela ausência de escuta social.

No hospital , fiz um procedimento chamado “curetagem”, trata-se de uma intervenção usada para retirada de conteúdo do útero, como restos de tecido, no meu caso, retirada de restos ovulares e foi muito traumático, visto que, recordo-me bem quando a enfermeira me disse a seguinte frase: “esperamos que realmente tenha sido espontâneo porque na tua idade não costuma ser”.

No hospital, ao submeter-me à curetagem após o aborto espontâneo, vivi uma experiência que ultrapassou a dimensão estritamente corporal do procedimento médico. A retirada dos restos ovulares foi acompanhada por uma violência que não se inscreveu apenas no corpo, mas na linguagem. A frase proferida pela enfermeira, “esperamos que realmente tenha sido espontâneo porque na tua idade não costuma ser”, marcou profundamente aquele momento, instaurando uma ruptura entre o cuidado esperado e o julgamento efetivamente recebido. Ao ouvir esse enunciado, minha experiência íntima foi deslocada para o campo da suspeita, como se o sofrimento precisasse ser previamente legitimado por uma justificativa moral.

Essa vivência evidencia como, mesmo em situações de fragilidade física e emocional, o corpo feminino permanece submetido a discursos que o regulam, vigiam e classificam. A fala da profissional de saúde não se dirigia apenas a mim enquanto paciente, mas a um corpo socialmente significado, o corpo da mulher

jovem, historicamente associado à irresponsabilidade sexual e à transgressão reprodutiva. Nesse sentido, meu relato individual revela-se atravessado por vozes sociais que antecedem e excedem a experiência pessoal, reiterando estigmas e silenciamentos.

Ao descrever esse episódio, reconheço que o trauma não se limitou à intervenção invasiva da curetagem, mas se produziu no encontro entre o procedimento médico e o discurso que o acompanhou. A linguagem, nesse contexto, operou como dispositivo de poder, convertendo a assistência em interrogatório implícito e a dor em objeto de avaliação moral. Assim como em *O Acontecimento*, de Annie Ernaux, o espaço hospitalar emerge como lugar ambíguo, no qual a promessa de cuidado convive com a imposição de uma ordem discursiva que constrange, culpa e isola.

A experiência pessoal do aborto espontâneo e do procedimento de curetagem, vivenciada em um espaço hospitalar que deveria assegurar acolhimento e cuidado, constituiu-se como um marco decisivo para a construção das inquietações que atravessam esta pesquisa. O sofrimento físico foi intensificado por enunciados que, longe de operarem como suporte, produziram suspeição, julgamento e silenciamento, evidenciando como o corpo feminino, mesmo em contextos de dor e vulnerabilidade, permanece submetido a discursos normativos que regulam a sexualidade e a reprodução. Ao rememorar esse episódio, compreendo que minha vivência individual não se encerra em si mesma, mas se inscreve em uma rede mais ampla de vozes sociais que naturalizam a culpabilização das mulheres diante da experiência do aborto, seja ele espontâneo ou provocado. É a partir desse atravessamento entre memória pessoal e discursos sociais que se delineia a escolha do objeto de pesquisa, abrindo caminho para uma reflexão que ultrapassa o plano autobiográfico e se projeta sobre realidades coletivas.

Além disso, a escolha da obra também se fundamenta na inquietação diante das agruras vividas por adolescentes e mulheres, sobretudo no contexto brasileiro, onde o aborto permanece, em grande medida, criminalizado e cercado por fortes interdições morais, religiosas e institucionais. A realidade brasileira revela um cenário de profundas desigualdades sociais, no qual a proibição da prática não impede sua realização, mas expõe mulheres, especialmente jovens

e pobres, a riscos físicos, psicológicos e à marginalização. Nesse sentido, a obra de Ernaux ultrapassa o contexto francês dos anos 1960 e dialoga com problemáticas contemporâneas, iluminando debates urgentes sobre direitos reprodutivos, autonomia feminina e justiça social.

Dessa forma, ao explicitar o lugar da pesquisadora na construção deste trabalho, reconheço que minha aproximação com *O Acontecimento* é atravessada tanto por escolhas teóricas quanto por uma experiência pessoal marcante: a vivência de um aborto espontâneo aos 20 anos, ocorrido em minha primeira gestação. Embora distinta da experiência narrada por Annie Ernaux, essa perda contribuiu para minha sensibilidade diante das questões que envolvem o corpo feminino, a maternidade, o sofrimento e o silêncio social que frequentemente acompanham as experiências reprodutivas das mulheres. Essa vivência, longe de configurar um argumento subjetivo, atua como condição ética de escuta e responsabilidade, orientando um olhar atento às vozes femininas historicamente marginalizadas.

Assim, a análise aqui desenvolvida se assume como um gesto responsivo, no qual a experiência, a teoria e o compromisso social se entrelaçam, reafirmando a literatura como espaço crítico de reflexão sobre gênero, memória, ideologia e direitos reprodutivos.

1.2. O encontro com *O Acontecimento* e a constituição do objeto de pesquisa

O encontro com a obra *O Acontecimento*, de Annie Ernaux, ocorreu ainda durante a graduação em Letras, no último semestre do curso, em uma disciplina de Teoria da Literatura ministrada pelo Prof. Dr. Antônio Mousquer, se revelou decisivo para a constituição deste trabalho. A leitura da obra naquele espaço formativo possibilitou reconhecer não apenas sua potência literária e discursiva, mas também sua relevância teórica, histórica e social, revelando-a, desde então, como um objeto possível, e posteriormente necessário, de investigação acadêmica. Tal reconhecimento se intensifica diante da consagração de Annie Ernaux com o Prêmio Nobel de Literatura, em 2022, quando a Academia Sueca destacou a “coragem e acuidade clínica com que descortina as raízes, os

estranhamentos e os constrangimentos coletivos da memória pessoal" (Nobelprize.org, 2022). Ao articular experiências individuais a dimensões coletivas da existência, a escrita de Ernaux rompe fronteiras entre autobiografia, memória e crítica social, configurando-se como um discurso real, testemunhal e politicamente engajado. Desse modo, o objeto desta dissertação não emerge de forma fortuita, mas se constrói no entrecruzamento entre formação acadêmica, experiência leitora e compromisso crítico, reafirmando o caráter histórico, situado e responsivo do gesto de pesquisa aqui desenvolvido.

Esse reconhecimento reforça a importância de uma escrita que, partindo do íntimo, alcança dimensões sociais e políticas mais amplas. Ernaux não se limita a narrar suas vivências, mas explora, em uma perspectiva situada nas zonas fronteiriças entre literatura e ciências sociais, as condições históricas e ideológicas que atravessam a existência feminina. Tal aproximação não reduz sua obra à sociologia, mas evidencia o modo como diferentes campos disciplinares podem se enriquecer mutuamente, conforme sugere Bakhtin ao defender a importância de delimitações flexíveis e cooperativas entre áreas do saber (Bakhtin, 2017). Como reiterou Anders Olsson, presidente do Comitê do Nobel, a autora atua menos como romancista tradicional e mais como uma "etnóloga de si mesma", explorando a interseção entre memória pessoal e memória coletiva (Estadão, 2022; Apnews, 2022). Nesse sentido, a noção de memória mobilizada na escrita de Annie Ernaux pode ser compreendida à luz da perspectiva do discurso dialógico, segundo a qual a memória não se configura como um dado psicológico individual, mas como um fenômeno discursivo, social e axiologicamente orientado. Para Bakhtin, toda rememoração ocorre no presente da enunciação e implica uma tomada de posição valorativa diante do vivido, sendo atravessada por vozes sociais, discursos anteriores e horizontes históricos específicos. Assim, a memória pessoal não retorna como reprodução fiel de um passado vivido, mas como reconstrução discursiva que reflete e refrata valores coletivos.

Ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em 2022, Annie Ernaux declarou que a distinção regularmente mencionada por críticos, seja entre a figura da romancista e a da etnóloga de si mesma, não representava apenas uma consagração individual, mas a responsabilidade de continuar escrevendo em nome das vozes silenciadas, sobretudo as das mulheres submetidas à

clandestinidade do aborto, bem como a outras formas de opressão (Uol, 2022). A crítica literária reconheceu sua vitória como um gesto político e simbólico, que reafirma a legitimidade da literatura autobiográfica e feminina no cânone ocidental (Vogue, 2022; New yorker, 2022). Tal reconhecimento evidencia que a escrita de Ernaux ultrapassa o limite do pessoal, convertendo-se em enunciado social e histórico.

Esse enfoque ético e estético da escrita encontra ressonância na reflexão de Bakhtin em *O autor e a personagem na atividade estética* (2003 [1920-1924]), em que o filósofo propõe que a criação literária é constituída por uma relação dialógica entre o autor e sua personagem. Ainda que o autor possa recorrer à própria vida como matéria de criação, ele não se confunde inteiramente com o "eu" narrado, pois assume uma posição de excedente de visão, um ponto de observação que permite transformar a experiência vivida em forma estética. É justamente nessa fronteira entre a memória do vivido e a recriação desta no/pelo enunciado que se inscreve a escrita de Ernaux ao narrar o aborto clandestino e outras experiências de opressão. Com isso, ela ultrapassa a esfera da confissão pessoal e assume uma responsabilidade social pela palavra. Assim, sua literatura traduz, na prática, a concepção bakhtiniana de autoria como ato ético e responsivo diante do outro, reafirmando a potência da autobiografia como forma de resistência discursiva e ideológica.

Para pensar algumas relações entre autoria e alteridade, o filósofo russo afirma que o princípio da atividade estética reside na preservação da distância extralocalizada/transgrediente entre autor e personagem, uma "distância no espaço, no tempo, nos valores e nos sentidos, que permite abarcar *integralmente* a personagem [...], abarcar a ela e sua vida e completá-la até fazer dela um *todo*" (Bakhtin, 2003, p. 12). Nesse sentido, o autor responde, com seu excedente de visão distanciado, ao acontecimento de encontro com a personagem, explicando a formulação segundo a qual autorar é destinar uma "resposta à resposta" (Bakhtin, 2003, p. 3). A autoria, nessa perspectiva, não se reduz ao ato de narrar ou organizar esteticamente uma experiência, mas se configura como um posicionamento ético e responsivo diante do vivido e dos discursos que o atravessam. Autorar implica assumir responsabilidade pela palavra, uma vez que todo enunciado se inscreve em uma cadeia dialógica de vozes sociais, às quais o autor responde e perante as quais se responsabiliza. Assim, a autoria

assume papel central nesta pesquisa, uma vez que é por meio dela que a experiência vivida se converte em enunciado socialmente significativo, refratando valores históricos, ideológicos e axiológicos. Na escrita de Annie Ernaux, a narrativa de si não se limita à exposição de uma vivência individual, mas se constitui como espaço de elaboração discursiva no qual o vivido é atravessado por vozes sociais, normas, silenciamentos e memórias coletivas. Ao narrar o aborto, a autora transforma um acontecimento íntimo em testemunho histórico, evidenciando que a memória autobiográfica se constrói em permanente diálogo com o social, deslocando o eu para uma dimensão coletiva e revelando as condições materiais e simbólicas que moldam essa experiência.

Após o encontro responsivo com a personagem, o autor se distancia e responde ao todo do acontecimento do encontro no/pelo enformamento estético. Isso faz do autor "o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta" (Bakhtin, 2003, p. 10). É nessa perspectiva que se torna possível estabelecer um alinhamento entre a autoria de Annie Ernaux e a autoria assumida nesta pesquisa. Embora situadas em esferas discursivas distintas (literária e acadêmica), ambas as configuram como gestos autorais responsivos e eticamente orientados, na medida em que implicam uma posição extralocalizada em relação ao acontecimento vivido ou analisado. Ernaux, ao narrar sua experiência do aborto, assume um excedente de visão que lhe permite transformar o acontecimento íntimo em enunciado socialmente significativo, articulando o eu vivido ao horizonte coletivo de valores e discursos. De modo análogo, ao eleger *O Acontecimento* como objeto de análise, como autora desta pesquisa também ocupo uma posição de autoria ao responder discursivamente a esse enunciado, inscrevendo-se na cadeia dialógica que o constitui. Trata-se, portanto, de uma autoria que não se pretende neutra, mas responsável, pois reconhece que todo gesto de dizer, inclusive o científico, participa de uma unidade tensamente ativa e implica uma tomada de posição axiológica frente aos valores sociais, históricos e ideológicos em disputa. Logo,

> Para encontrar o autor concebido numa dada obra, cumpre escolher todos os elementos que concluem a personagem e os acontecimentos de sua vida, por princípios transgredientes à sua consciência e definir a unidade ativa, criativamente tensa e de princípio desses elementos: o agente vivo dessa unidade de acabamento é o autor, que se opõe à

> personagem como portadora da unidade aberta do acontecimento vital, que não pode ser concluída de dentro da personagem (Bakhtin, 2003, p. 12).

Por isso, mesmo no caso da autobiografia, o autor não se confunde totalmente com a personagem, ainda que utilize de sua própria vida como material narrativo, ou seja, mesmo que use a si mesmo como matéria de criação. Nesse caso, o autor "deve colocar-se à margem de si, vivenciar a si mesmo não no plano em que efetivamente vivenciamos a nossa vida", mas tornando-se "*outro* em relação a si mesmo, olha[ndo] para si mesmo com os olhos do outro" (Bakhtin, 2003, p. 13).

Em suma, Bakhtin (2003, p. 9) realiza uma distinção metodológica entre "autor-criador, elemento da obra, [e] autor-pessoa, elemento do acontecimento ético e social da vida", não para criar limites estanques entre autor-pessoa e autor-criador, mas para salientar o desdobramento alteritário exigido pelo ato artístico, inclusive na autobiografia. Nesse caso, há desdobramentos entre autor-pessoa, autor-criador e autor-personagem, segundo os quais "coloco-me na condição de personagem, abranjo a mim mesmo com minha narração; as formas de percepção axiológica dos outros se transferem para mim onde sou solidário com eles. É assim que o narrador se torna personagem" (Bakhtin, 2003, p. 141).

Nesse contexto, o autor-criador é concebido como aquele que organiza a obra, não simplesmente a pessoa empírica que a escreve; nessa organização, pela via da distância extralocalizada, o autor desdobra-se em personagem, quando se trata de uma autobiografia. Quem conclui e dá acabamento à personagem é o autor, a partir de princípios externos que podem ser de ordem estética, ética, histórica e social. Então, na autobiografia, o autor-criador é aquele que externamente efetua o acabamento estético do autor-personagem, transformando a vida em obra, com isso enriquecendo semanticamente o autor-pessoa, contribuindo para o fluxo semântico-dialógico entre essas instâncias não-estanques da reflexão memorialística sobre si mesmo.

Ao alicerçar que suas obras são "autossociobiográficas", Annie Ernaux indica uma simbiose entre autoria e o social, uma vez que o eu narrado se constitui como lugar de inscrição de vozes históricas, coletivas e ideologicamente marcadas, afastando-se de uma concepção intimista da autobiografia, isto é, constroem discursivamente experiências vividas pela

autora, reelaboradas a partir de sua posição valorativa e de sua memória social, porém abordam reflexões sobre o contexto social e histórico no qual estão inseridas, Ernaux articula o relato pessoal às condições sociais e históricas que o moldam. Seu objetivo não é apenas contar o vivido, mas revelar a forma como este vivido foi constituído pelas estruturas sociais, políticas e ideológicas de sua época. Com efeito, *O Acontecimento* possui a seguinte narrativa em sua contracapa:

> O verdadeiro objetivo da minha vida talvez seja apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita, isto é, algo inteligível e geral, minha existência completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros (Ernaux, 2022, [s/p]).

Embora, Annie Ernaux, situe suas obras no limiar entre a autobiografia e autossociobiografia, movimentando um deslocamento do eu para o nós, o privado para o público, do íntimo para o histórico. A sua escrita reafirma a ideia de que toda exposição de si é, inevitavelmente, atravessada pela alteridade social, pela memória coletiva e pelas vozes que compõem o espaço do discurso.

Nesse sentido, a distinção entre autobiografia e autossociobiografia não deve ser compreendida como uma oposição entre o individual e o coletivo, mas como um deslocamento analítico que torna visível aquilo que sempre esteve presente na escrita de si: sua constituição social. Ainda que, a autobiografia seja frequentemente associada à narração de uma experiência pessoal, ela nunca se realiza fora das condições históricas, culturais e ideológicas que moldam o sujeito que narra. O “eu” autobiográfico não é uma entidade isolada ou autossuficiente, mas um sujeito socialmente situado, atravessado por relações de classe, gênero, geração, instituições e discursos que delimitam as possibilidades de vivência, de memória e de enunciação.

A autossociobiografia, tal como mobilizada por Annie Ernaux, radicaliza essa compreensão ao recusar qualquer concepção intimista da autobiografia e ao assumir, de forma consciente e programática, que a narrativa de si só adquire sentido quando colocada em relação com o coletivo. Ao escrever sobre a própria vida, Ernaux não busca a singularidade excepcional do indivíduo, mas a dimensão compartilhável da experiência, aquela que permite reconhecer no vivido pessoal os efeitos de estruturas sociais mais amplas. Trata-se, portanto,

de uma escrita que transforma o “eu” em lugar de observação do social, fazendo da memória individual um ponto de acesso privilegiado às formas de dominação, às desigualdades e às normas que regulam os corpos e as subjetividades.

Sob uma perspectiva bakhtiniana, essa compreensão se ancora na noção de que todo enunciado é dialogicamente constituído e responde a outros enunciados que o precedem e o excedem. A escrita autobiográfica, nesse quadro, configura-se como um espaço de circulação de vozes sociais, no qual a experiência pessoal é narrada a partir de linguagens socialmente disponíveis e de valores historicamente sedimentados. Assim, mesmo quando o discurso se apresenta como íntimo ou confessional, ele carrega consigo marcas do social, da alteridade e da memória coletiva, evidenciando que não há relato de si que não seja, simultaneamente, relato de um tempo, de uma sociedade e de um conjunto de relações históricas.

Dessa forma, afirmar que toda autobiografia é social significa reconhecer que o sujeito que escreve nunca fala apenas por si, mas a partir de posições socialmente determinadas e em diálogo constante com discursos institucionais, morais e culturais. A autossociobiografia, longe de negar a autobiografia, explicita sua condição constitutiva, tornando visível a inseparabilidade entre experiência individual e realidade social. É nesse movimento que a escrita de si se converte em gesto crítico, capaz de desnaturalizar experiências consideradas “escondidas” e de inscrevê-las no campo das problemáticas coletivas e políticas.

Caso analisemos, introdutoriamente, *O Acontecimento* pelas lentes bakhtinianas, mesmo na autobiografia, o sujeito não se confunde totalmente consigo mesmo. Logo, desponta da narrativa em cena uma relação de alteridade entre o eu que viveu a interrupção de uma gestação e o eu que narra. Ernaux confirma esse princípio ao ocupar duas posições enunciativas distintas, a da narradora que escreve no presente da enunciação e a da personagem que vive, no passado, a experiência do aborto. A distinção entre autora e personagem se constrói, assim, na diferença entre o momento da memória, situado nos anos 1960, e o momento da enunciação, situado nos anos 2000. É desse deslocamento temporal e valorativo que emerge aquilo que Bakhtin denomina excedente de visão, permitindo à autora conferir acabamento estético e axiológico a uma experiência vivida, sem coincidir plenamente com ela.

A escrita de Annie Ernaux pode ser compreendida como um gesto de resistência discursiva. Ao narrar de uma forma direta a experiência de um aborto clandestino, a autora rompe com o silêncio social e institucional que historicamente interditou a voz feminina sobre o próprio corpo. Parte-se do pressuposto de que *O Acontecimento* ultrapassa o âmbito da memória individual, podendo ser compreendido como um enunciado que se inscreve no espaço público e tensiona discursos hegemônicos, jurídicos, médicos e religiosos, historicamente mobilizados para controlar e silenciar as mulheres. Essa hipótese será desenvolvida e demonstrada por meio de uma leitura dialógica de trechos da obra.

Consequentemente, em *O Acontecimento*, há uma tensão permanente entre o individual e o social. O corpo que sofre e sangra é o da narradora em sua intimidade concreta, tornado público na/pela escrita autobiográfica; logo, esse corpo também é atravessado por valores, normas e interditos que lhe são exteriores. Neste contexto, a autora mostra de forma clara, que a dor pessoal não pode ser dissociada das condições sociais que a moldam. Por isso, sua experiência íntima só pode ser sondada à luz da realidade histórica da França dos anos 60, marcada pela criminalização do aborto e pelo controle patriarcal sobre a sexualidade feminina.

Esse movimento pode ser ilustrado pela concepção bakhtiniana de que todo signo é ideológico, ou seja, reflete e refrata uma realidade exterior (Volóchinov, 2018). Sob essa perspectiva, a narrativa de Ernaux, ao transformar sua vivência em signo literário, não apenas reflete a experiência individual de um aborto clandestino, mas, ao também refratá-la, engendra um discurso crítico que desestabiliza as formas dominantes de representação dessa realidade.

Por isso, a autobiografia de Ernaux, ao apresentar-se como autossociobiografia, mostra que o discurso individual não é isolado, ele sempre dialoga com forças sociais que o atravessam. A obra *O Acontecimento* explicita que narrar é, ao mesmo tempo, dar forma a uma vivência íntima e inscrevê-la como signo ideológico em disputa, capaz de refletir e refratar a realidade exterior, tornando-se um testemunho coletivo e político das condições sociais, históricas e ideológicas que configuram o aborto clandestino e o lugar da mulher na sociedade.

A escolha desse livro como objeto de leitura e estudo, se justifica porque nele a autora aborda, por meio de uma escrita que recusa suavizações e se volta à dimensão brutal da experiência de um aborto clandestino na França dos anos 1960, um acontecimento historicamente silenciado. Tal escolha não é arbitrária, mas resulta da convergência entre uma motivação pessoal explicitada no início desta dissertação, a densidade temática da obra e sua pertinência social, na medida em que a narrativa de Ernaux se inscreve no espaço público como um enunciado que tensiona discursos jurídicos, médicos e religiosos que buscaram controlar e silenciar as mulheres. Essa consonância entre experiência, objeto e referencial teórico orienta a análise aqui proposta. O relato não se limita ao registro de uma memória pessoal, ele expõe, em sua atrocidade, a violência de um sistema jurídico e social que negava às mulheres o direito de decidir sobre suas vidas e seus corpos. Além disso, *O Acontecimento* condensa de maneira exemplar a prática da autossociobiografia, mobiliza e simultaneamente reatualiza em sua escrita, na medida em que articula o íntimo e o histórico, o eu e o nós, a dor individual e a opressão coletiva. Justifica-se a mobilização da teoria de Bakhtin e o Círculo[1] ao abordar problemáticas sociais candentes na contemporaneidade, como o aborto, devido à ênfase das reflexões na dialogia e na interação social, oportunizando um debate interdisciplinar e contextualizado dos objetos, no caso, o discurso artístico enformado na obra de Ernaux (2022). Nesse sentido, entendemos que a teoria bakhtiniana fornece fundamentos necessários para compreender a especificidade dessa escrita.

Para Volóchinov (2018, p. 129), a linguagem não é um sistema autônomo, mas uma prática estabelecida na vida social: “todo signo é social por natureza e o signo interior não é menos social que o exterior”. Por isso, a palavra de Ernaux não só reflete sua vida particular, íntima, mas refrata criticamente as condições sociais de sua produção, estabelecendo um diálogo com discursos diversos (jurídicos, médicos, religiosos, feministas) que atravessam a questão do aborto. Assim, análise proposta não apenas aprofunda a compreensão da escrita de Ernaux, mas também contribui para o debate sobre o lugar da mulher, do corpo

[1] A designação *Bakhtin e o Círculo ,* se refere aos encontros entre intelectuais russos que, de maneira interdisciplinar, discutiam relações entre linguagem, arte, cultura e biologia, dentre outros temas. Os pensadores cujos textos contribuem para o campo de discussões sobre o discurso são Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev e Valentin Volóchinov (Faraco, 2009).

e da memória na sociedade contemporânea, mostrando que a literatura, ao converter a dor em palavra, torna-se também um ato político de resistência.

À luz das categorias teórico-metodológicas do pensamento bakhtiniano, a autobiografia pode ser compreendida como uma forma discursiva complexa, na qual se entrecruzam as relações entre autor, narrador e personagens, bem como múltiplas vozes sociais e linguagens historicamente situadas. Nessa perspectiva, a teoria não se apresenta como um conjunto de instrumentos a serem aplicados, mas como um horizonte teórico que possibilita problematizar e compreender a constituição dialógica desse tipo de narrativa. Na obra autobiográfica de Ernaux, isso se traduz na interação dialógica entre sua própria experiência, as expectativas sociais em torno do aborto e as vozes de outros personagens fictícios ou reais na narrativa, pois, conforme explica Faraco (2009),

> [...] a autobiografia não é (e não pode ser) um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, pronunciado do interior do evento da vida vivida. Ao escrever uma autobiografia, o escritor precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do apenas vivido (Faraco, 2009, p. 95).

Essa leitura de Faraco (2009) ilustra o postulado bakhtiniano de que a autobiografia não é um discurso direto e imediato do escritor sobre si mesmo. Conforme defende o autor, não é possível narrar “do interior do evento da vida vivida”, pois toda a escrita de si implica um distanciamento temporal e valorativo em relação ao evento vivenciado. Ao escrever uma autobiografia, o autor necessita se posicionar axiologicamente diante de sua própria vida, reinterpretando-a e atribuindo-lhe sentidos que ultrapassam a experiência bruta. Esse movimento corresponde ao que Bakhtin (2003) sustenta sobre o olhar exterior que o autor lança sobre o eu do passado, transformando-se em personagem.

Annie Ernaux, ao relatar os acontecimentos vividos, interpreta-os e os reinscreve no papel. Isso se dá pelo funcionamento do gênero discursivo autobiografia, que tece “o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida”, sendo uma “forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida” (Bakhtin, 2003, p. 139).

Ainda, nesse movimento discursivo, o leitor é refletido e refratado na autobiografia como parceiro do sentido, que irá dar seu próprio acabamento

relativo à existência tornada obra. Conforme afirma Bakhtin (2003, p. 152), a percepção estética do leitor “costuma completar a posição do autor até atingir a plena distância axiológica e insere elementos transgredientes mais substanciais e concludentes”. Logo, *O Acontecimento* de Ernaux (2022) entretece a tensão de valores sociais sobre o aborto à época do romance e na atualidade, demandando do leitor a reflexão crítica, afetiva, estética e política sobre o lugar da mulher e de seu corpo na sociedade. Essa narrativa, ao tematizar as agruras singulares de uma jovem legalmente desamparada em relação aos destinos do próprio corpo, apresenta, paradoxalmente, um estilo de escrita que busca a objetividade, se extralocalizando valorativamente nos eventos, a eles lançando um olhar crítico e sociológico.

Com isso em mente, a presente dissertação propõe uma leitura dialógica de *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, analisando como aspectos sociais, éticos, legais e culturais relacionados ao aborto emergem e são refratados no discurso literário da obra. Tais dimensões não são abordadas de forma descritiva ou externa ao texto, mas examinadas a partir de recortes analíticos que evidenciam a presença e o tensionamento de vozes sociais no interior da narrativa. A teoria bakhtiniana fornece os fundamentos necessários para compreender a especificidade dessa escrita, na qual o enunciado literário é concebido como um espaço de interação entre vozes sociais, ideologias e valores.

Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é analisar de que modo o signo ideológico “aborto” se configura na obra *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, como elemento constitutivo da escrita autobiográfica, revelando as relações entre o discurso individual e as vozes sociais que o atravessam. Busca-se compreender como o acontecimento íntimo, o aborto vivido pela narradora, é transformado em linguagem e em testemunho coletivo, a partir de processos de reflexão e refração ideológicos que evidenciam tensões entre o corpo, a moral e a história. Para alcançar esse objetivo, delineiam-se os seguintes objetivos específicos:

(a) Examinar como, em *O Acontecimento*, a experiência individual do aborto é construída discursivamente enquanto signo ideológico, revelando o entrelaçamento entre memória pessoal, vozes sociais e valores históricos;

(b) Compreender de que forma a escrita autobiográfica de Annie Ernaux, à luz dos pressupostos bakhtinianos, evidencia que o relato íntimo é socialmente constituído, promovendo o deslocamento do eu para o nós, do privado para o público e do íntimo para o histórico, e permitindo que a narrativa funcione como espaço de resistência e de responsabilidade social.

Assim, ao articular os aspectos sociais, éticos e discursivos em torno da temática do aborto com os fundamentos teóricos do pensamento bakhtiniano, esta pesquisa pretende contribuir para o campo dos estudos do discurso ao evidenciar como discurso literário, entendido como forma específica de enunciação dentro da esfera artística, pode revelar, por meio de sua dimensão dialógica, os conflitos ideológicos que atravessam a experiência humana.

Um dos obstáculos centrais abordados nesta pesquisa refere-se, justamente, às problemáticas, ética e jurídica em torno da prática abortiva. Esta pesquisa menciona, ainda que brevemente, a trajetória de transformação das leis francesas, bem como o embate de vozes sociais que contribuíram para a mudança do estatuto legal do aborto, de crime a direito reprodutivo. Tal panorama permite compreender como as condições históricas e discursivas da década de 1960 atravessam a escrita de Ernaux e constituem seu testemunho autobiográfico. Assim, a autora não apenas revisita uma experiência pessoal de sofrimento e silêncio, mas também reabre o debate sobre o corpo feminino, a autonomia e o poder institucional relativo às decisões reprodutivas.

Por essa razão, a clandestinidade do aborto é um problema complexo que gera uma preocupação sobre como garantir um acesso seguro e digno a esse procedimento para mulheres em países como o Brasil, por exemplo, em que o aborto é ilegal ou seriamente restrito, salvo algumas circunstâncias (anencefalia do feto, gravidez resultado de estupro e maior risco de vida para a mãe por conta da gestação) (STF, 2013).

Atualizando esta discussão para um contexto contemporâneo, no Brasil, no ano de 2024, o Plenário do Senado Federal decidiu desarquivar a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 29/2015, que altera o artigo 5º da Constituição para determinar a “Inviolabilidade do direito à vida desde a concepção”. Essa

PEC proíbe o aborto apoiando-se nos direitos humanos, resguardando o direito da criança de nascer.

A persistência desses debates evidencia que o aborto permanece como um signo ideológico em constante disputa, atravessado por valores morais, religiosos e políticos que variam conforme o contexto histórico e social. No Brasil contemporâneo, por exemplo, essa controvérsia ganha novos contornos com o avanço de projetos de lei que buscam restringir ainda mais o direito ao aborto legal. Um exemplo recente é o Projeto de Lei nº 1904/2024, que equipara o aborto acima de 22 semanas de gestação ao crime de homicídio, aumentando de 10 para 20 anos a pena máxima para quem realizar o procedimento. Vale ressaltar que grande parte das vítimas de abortos clandestinos são meninas e mulheres de baixa renda. A atualidade e a gravidade do tema se intensificam com a notícia veiculada pelo G1 em 16 de outubro de 2025, informando que a Comissão do Senado aprovou o projeto que proíbe o aborto após a 22ª semana de gestação, mesmo nos casos já previstos em lei, por Kevin Lima (G1,16out,2025).

Nesse sentido, é possível compreender que a persistente relutância em tratar o aborto de forma pública e aberta está ancorada em fatores culturais, religiosos, sociais e históricos que moldam sua significação ideológica.. No site Brasil de Fato (2022), escrito pela jornalista Letycia Bond, há uma pesquisa que expõe:

> Pesquisa revela que 77% da população brasileira concorda que quem é mais prejudicado com a prática de abortos clandestinos são as mulheres de baixa renda, visto que, elas não possuem condições de pagar por orientação médica na hora de realizar tal prática.

A citação em questão evidencia a dimensão social e econômica que atravessa o debate sobre o aborto no Brasil, ao apontar que a maioria da população reconhece que as mulheres em situação de vulnerabilidade são as mais prejudicadas pela clandestinidade da prática. Isso ocorre porque, ao contrário das mulheres de maior poder aquisitivo, que conseguem custear procedimentos relativamente seguros em clínicas privadas, ou até mesmo no exterior, aquelas de baixa renda acabam recorrendo a métodos inseguros, sem acompanhamento médico adequado, o que aumenta significativamente os riscos à saúde e à vida. Assim, a pesquisa anteriormente mencionada demonstra não

apenas a desigualdade de acesso a direitos reprodutivos, mas também reforça como as condições socioeconômicas estruturam a experiência do aborto no país, revelando o caráter seletivo e excludente da criminalização da prática.

Sendo assim, discorrer sobre o aborto é essencial, pois envolve questões indispensáveis aos direitos humanos, saúde pública e igualdade de gênero. A discussão sobre o aborto transcende o individual, pondo em cena o debate sobre o controle que as mulheres têm sobre seus corpos e suas vidas.

Para tanto, foi examinada a obra *O Acontecimento,* de Annie Ernaux, sob a perspectiva de obras de Bakhtin, Os Gêneros do Discurso (2016), Teoria do Romance I: A Estilística (2015) e O Autor e a Personagem na Atividade Estética (2003), bem como de Volóchinov (2018), em diálogo com as teorias da escritora francesa, ativista política e feminista Simone de Beauvoir (1949), bem como a ativista norte-americana bell hooks (2019). Também, salientamos as contribuições de feministas brasileiras que lutam pela descriminalização do aborto, como Lúcia Xavier (2021), do coletivo Crioula; Bruna Benevides (2022), da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), Comba Marques (2020), da Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (Cepia) e Conceição Evaristo, A Escrevivência e seus Subtextos (2017). Além disso, foram consultados artigos, livros, e capítulos de livros que abordam o aborto. No que trata da obra *O Acontecimento*, de Annie Ernaux, foi analisado o período histórico em que a obra ocorreu, ou seja, os anos de 1960 e 1970, verificando as leis sobre o aborto na França durante esse período, assim como o movimento feminista e as mobilizações sociais, políticas e culturais que perpassaram esse período histórico.

Ernaux, ao narrar o aborto vivido em 1963, materializa aquilo que Beauvoir analisou filosoficamente, o corpo feminino como território de normatizações e disputas ideológicas, onde o pessoal e o político se imbricam. Se em Beauvoir a análise filosófica desvela a opressão estrutural, em *O Acontecimento*, Ernaux faz um relato autobiográfico e a reinscreve nessa experiência como memória social, convertendo o acontecimento íntimo em signo coletivo de resistência.

Em termos metodológicos, uma análise bakhtiniana é situada e carrega consigo o horizonte ideológico de quem interpreta. Nesse sentido, torna-se fundamental recorrer ao conceito de compreensão responsiva, formulado por Bakhtin, na obra *Os gêneros do discurso* (2016). Para o autor, compreender um

enunciado nunca é um ato passivo, pois todo ato de compreensão implica também uma resposta, ainda que implícita, tendo em vista que cada leitor ou pesquisador inscreve seu próprio contexto histórico social e axiológico no processo interpretativo. Com efeito,

> [t]oda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: ouvinte se torna falante (Bakhtin, 2016, p. 25).

Fundamentando esta pesquisa, o princípio da compreensão responsiva norteia o reconhecimento de que a leitura de Ernaux aqui proposta não emerge “do interior” da França dos anos 1960, mas desde o Brasil do século XXI, em um cenário em que o aborto permanece amplamente criminalizado, sendo permitido apenas em casos específicos: risco de vida da gestante, gravidez resultante de estupro e anencefalia fetal (STF, 2012; 2013). A análise, portanto, é responsiva, no sentido bakhtiniano, dialogizando o contexto francês da obra com o contexto brasileiro da pesquisadora, sem reduzir um ao outro, mas permitindo que se iluminem mutuamente. Essa perspectiva dialógica orienta não apenas a leitura interpretativa da obra, mas também a forma como esta pesquisa foi organizada, buscando articular teoria, contexto e análise em um movimento contínuo de interlocução entre discursos.

A partir da singularidade da obra de Annie Ernaux, a pesquisadora salienta um possível diálogo estabelecido com os estudos do Círculo de Bakhtin, especialmente com as reflexões de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov acerca da linguagem como prática social e dos signos ideológicos como mediadores da vida cultural, esta dissertação estrutura-se em seis partes principais.

No Capítulo **1**, intitulado Considerações Iniciais, apresenta-se o percurso de constituição do objeto de pesquisa, contemplando, no item **1.1**, o lugar da pesquisadora na construção do objeto e, no item **1.2**, o encontro com O Acontecimento e a delimitação do objeto de investigação. O Capítulo **2**, intitulado O aborto como acontecimento histórico e signo ideológico, dedica-se à contextualização histórica, social e discursiva do tema, organizando-se em três seções: na seção **2.1**, aborda-se o aborto na França dos anos 1960, com ênfase

em seu contexto jurídico, social e moral; na seção **2.2**, examina-se o movimento feminista francês e as transformações legais que culminaram na descriminalização do aborto; e, na seção **2.3**, analisa-se *O Acontecimento* quanto à sua estrutura narrativa e ao seu projeto autossociobiográfico, evidenciando a articulação entre experiência individual e memória coletiva. No Capítulo **3**, desenvolve-se o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, abordando, no item **3.1**, a relação constitutiva entre sociedade, ideologia e linguagem e, no item **3.2**, a escrita autobiográfica de Annie Ernaux, compreendida na fronteira entre documento e literatura. O Capítulo **4** expõe os procedimentos metodológicos que orientam a investigação. O Capítulo **5** apresenta a análise de parte obra *O Acontecimento*, a partir de uma leitura dialógica fundamentada nos pressupostos bakhtinianos. Por fim, o Capítulo **6** reúne as Considerações Finais, nas quais se retomam os principais resultados da investigação e se explicitam as contribuições do estudo para os debates contemporâneos sobre linguagem, literatura, gênero e direitos reprodutivos.

2. O ABORTO COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO E SIGNO IDEOLÓGICO

Neste capítulo, intitulado *O aborto como acontecimento histórico e signo ideológico,* organiza-se em três seções que articulam contexto histórico, embates sociais e construção estética, com o objetivo de compreender o aborto não apenas como fato individual, mas como fenômeno socialmente avaliado e discursivamente constituído. Na primeira seção, *O aborto na França dos anos 1960: contexto jurídico, social e moral,* apresenta-se o cenário histórico em que se insere a experiência narrada, evidenciando as condições legais, os dispositivos de controle sobre o corpo feminino e os valores morais que configuravam o aborto como prática criminalizada e estigmatizada. Na segunda seção, *O movimento feminista francês e as transformações legais*, se examinam as lutas coletivas que tensionaram esse cenário, destacando as mobilizações feministas que contribuíram para deslocamentos jurídicos e simbólicos em torno da questão reprodutiva. Por fim, em *O Acontecimento: estrutura, narrativa e projeto autossociobiográfico*, direciona o olhar para a obra de Annie Ernaux, analisando sua organização composicional e seu projeto estético, a fim de compreender como a narrativa refrata, em sua materialidade discursiva, as vozes sociais e os conflitos ideológicos que atravessam o aborto enquanto signo histórico.

2.1. O aborto na França dos anos 1960: contexto jurídico, social e moral

Esta seção, tem por finalidade apresentar uma contextualização histórica e literária da obra *O Acontecimento*, situando-a no conjunto da produção de Annie Ernaux e no cenário sociocultural em que foi escrita e publicada. Além disso, serão discutidos, de maneira preliminar, os referenciais teórico-metodológicos que orientam a leitura aqui proposta esclarecendo as opções analíticas adotadas e preparando o tema para a discussão metodológica mais aprofundada, desenvolvida no capítulo que seguirá. Dessa forma, o leitor encontrará, neste momento, uma reflexão que alia a apresentação da obra ao

enquadramento inicial da pesquisa, estabelecendo o elo entre o contexto histórico, a produção literária e as categorias que fundamentam a análise.

A obra, *Acontecimento,* publicada no Brasil em 2022 pela escritora francesa Annie Ernaux, tem como base uma experiência de aborto clandestino ocorrido na França em 1963. A análise considera os aspectos históricos e sociais da França dos anos 1960 como elementos que atravessam e configuram o discurso autobiográfico de Ernaux. Tratou-se de um período de profundas transformações sociais, políticas e culturais, entretanto ainda marcado pela forte repressão em torno da sexualidade feminina. O aborto era apontado como crime e, por isso, as mulheres que recorriam a essa prática arriscavam não apenas a sua vida, a sua saúde, mas também a sua liberdade.

Segundo o portal *G1* (2024), a França se tornou o primeiro país do mundo a garantir o direito ao aborto em sua Constituição, até a promulgação da Lei Simone Veil, em 1975, que legalizou o aborto até a décima quarta semana de gestação. Até então, o aborto era visto como crime pelo Código Penal francês; nessa época, o aborto era ilegal e punido criminalmente, tanto a mulher, quanto quem realizasse tal procedimento, sobretudo em uma sociedade patriarcal marcada por discursos morais, religiosos e científicos que restringiam a autonomia dos corpos femininos.

Como o código penal francês proibia o aborto em qualquer condição, os procedimentos clandestinos eram realizados em condições precárias e perigosas, especialmente por parteiras ilegais ou em formação. Essa criminalização fazia parte de um grupo de normas institucionais que visavam à normatização dos corpos femininos, controlando sua sexualidade e sua função reprodutiva. No mesmo instante, os discursos médicos e religiosos reforçavam o mantenimento da gravidez como sendo o destino natural da mulher, obstruindo qualquer possibilidade de escolha individual sobre a continuidade da gestação.

Nesse contexto, milhares de mulheres eram obrigadas a valer-se de métodos clandestinos e inseguros, assim resultando em altos índices de mortalidade materna. Publicado na França, no ano de 2000, *O Acontecimento* constitui uma das obras mais emblemáticas da autora francesa Annie Ernaux, tanto pela sua radicalidade estética na escrita, quanto pela força política de seu conteúdo. Sua obra narra em primeira pessoa a experiência da autora em realizar um aborto clandestino no ano de 1963, aos 23 anos, na França.

Trata-se de um texto de grande densidade, no qual a autora narra um episódio traumático de sua juventude com a distância de décadas. O código penal francês proibia o aborto em qualquer condição, os procedimentos clandestinos eram realizados em condições precárias e perigosas, especialmente por parteiras ilegais ou em formação.

A individualidade da obra está no estilo franco e direto da escrita. Essa maneira de narrar rejeita ornamentos literários, metáforas excessivas e sentimentalismos, buscando um enunciado capaz de engendrar efeitos estilísticos próximos da objetividade. A escolha estilística de Ernaux não elimina a elaboração estética, mas se orienta por uma ética do dizer que busca minimizar ornamentos narrativos. A autora afirma desejar apresentar a experiência "sem mediações", preservando a dureza dos acontecimentos. No entanto, a partir da perspectiva bakhtiniana, essa pretensão não implica a existência de um "real cru" exterior à linguagem, é o discurso que dá forma, sentido e inteligibilidade à experiência vivida. Assim, a aparente simplicidade narrativa em *O Acontecimento* deve ser compreendida como uma estratégia discursiva deliberada, que constrói efeitos de transparência e de confronto com a violência dos fatos. Declara Ernaux:

> Terminei de pôr em palavras isso que se revela para mim como uma experiência humana total, da vida e da morte, do tempo, da moral e do interdito, da lei, uma experiência vivida de um extremo a outro pelo corpo. […] Pois, para além de todas as razões sociais e psicológicas que pude encontrar naquilo que vivi, existe uma da qual estou mais certa do que tudo: as coisas aconteceram comigo para que eu as conte […] (Ernaux, 2022, p. 71).

Nesta narrativa, a autora esclarece que o aborto não foi apenas um episódio íntimo, mas uma experiência humana total, em que convergiram dimensões biológicas, históricas, sociais e jurídicas. Seu corpo aparece como território central dessa vivência, é nele que se inscrevem a dor física, o risco de morte, a violência da lei, a interdição moral e a passagem do tempo.

Mais do que experenciar, a autora assume o dever de narrar: "as coisas aconteceram comigo para que eu as conte". Nisso, sua escrita se configura como um ato ético e político, ao transformar experiências pessoais em testemunho público. Ao relatar o aborto, a autora não apenas descreve sua vivência mas expõe relações de dominação social e de gênero. Nesse movimento, a ética do

relato, entendida como o esforço de confrontar a experiência sem adornos que a atenuem, articula-se à estética. O estilo sóbrio e direto produz efeitos de transparência e de aproximação da experiência, ao mesmo tempo em que sustenta o compromisso social do texto.

A rigidez da linguagem e a recusa ao excesso conferem à narrativa de *O Acontecimento* uma potência de choque e autenticidade. Com isso, a autora confronta o leitor com a dor, a solidão e o risco vivenciados pela narradora. Ernaux evita a ornamentação literária e constrói um relato seco e direto, que traduz a intensidade do vivido sem recorrer à dramatização. A economia de palavras reflete uma postura ética particular de Ernaux diante do ato de narrar, marcada pela contenção e pela recusa de excessos estilísticos que possam atenuar a dureza da experiência relatada, capaz de representar a experiência sem transformá-la em espetáculo, e reforça o compromisso da autora com uma verdade interior e social. Nesse movimento, a linguagem torna-se espaço de manifestação e de resistência, permitindo que a memória pessoal se converta em uma forma de denúncia coletiva.

2.2. O movimento feminista francês e as transformações legais

A mulher que engravidava fora do matrimônio, sobretudo nas décadas anteriores à legalização do aborto na França, era duplamente estigmatizada, condenada por romper com os padrões morais e por se recusar a cumprir o papel de mãe, socialmente imposto. Tal mulher era vista como uma transgressora da ordem patriarcal, ameaçando o modelo de feminilidade defendido pela sociedade francesa da época (década de 60), o aborto era considerado crime, punido severamente pela legislação em vigor desde os anos 1920, o que empurrava milhares de mulheres à clandestinidade. Estima-se que, antes da promulgação da Lei Veil, em 1975, cerca de trezentas mil mulheres recorressem anualmente a procedimentos abortivos ilegais, muitas vezes em condições degradantes e arriscadas (Starling, 2019).

Na obra *O Acontecimento*, Annie Ernaux explica esse processo. A descrição íntima de um aborto clandestino, inscrito no corpo da autora, não é apresentado unicamente como vivência pessoal, mas como experiência torcida por normas sociais, médicas, jurídicas e religiosas. Ao registrar sua experiência vivida, Ernaux mostra que a vida não existe distante, mas em diálogo com a cultura, sua autobiografia é, nesse sentido, um exercício de humanização, pois evidencia a tensão entre o individual e o social, inscrevendo a dor íntima em um horizonte coletivo e histórico, transformando-se em autossociobiografia.

É necessário evidenciar, nesta pesquisa, como se articula o deslocamento entre o contexto francês, tematizado na obra *O Acontecimento*, e o contexto brasileiro. A luta pela descriminalização do aborto no Brasil é atravessada por múltiplas vozes feministas que, a partir de diferentes campos de atuação, defendem o direito à autonomia reprodutiva e denunciam as desigualdades estruturais que afetam, de forma mais incisiva, as mulheres negras e periféricas, bem como pessoas trans. A atuação dessas lideranças revela a pluralidade do movimento feminista e sua articulação com questões de raça, classe e identidade de gênero.

Nesse cenário, destaca-se a contribuição de Lúcia Xavier, fundadora do coletivo Criola, que articula a luta antirracista ao feminismo, evidenciando como a criminalização do aborto reforça a exclusão social e racial. Sua atuação, enfatiza a necessidade de compreender o acesso à saúde reprodutiva como um

direito humano fundamental, frequentemente negado às mulheres negras. Já Bruna Benevides, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), amplia o debate ao introduzir a perspectiva transfeminista, chamando atenção para as especificidades vividas por pessoas trans e travestis no que se refere aos direitos sexuais e reprodutivos. Ao incluir esses corpos dissidentes no centro da discussão, Benevides rompe com a visão restrita e universalizante do feminismo, defendendo políticas inclusivas. Por sua vez, Comba Marques Porto, integrante da Cepia (Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação), alia produção acadêmica e militância política, reforçando o entendimento do aborto como questão de saúde pública e de garantia dos direitos das mulheres.

A atuação dessas, ativistas feministas, evidencia que a luta pela descriminalização do aborto vai além da reivindicação de um direito individual, tratando-se de uma pauta coletiva e interseccional, que questiona as desigualdades estruturais do país e reivindica a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O engajamento de Xavier, Benevides e Marques Porto mostra como o movimento feminista brasileiro, em suas diferentes expressões, contribui para o avanço da democracia e para a efetivação dos direitos humanos.

Nesse sentido, cabe destacar a contribuição de Conceição Evaristo, que, desde 1994, elabora o conceito de escrevivência, compreendido como um gesto de escrever-viver, escrever-se-ver e escrever-se-vendo, no qual a experiência das mulheres negras, atravessada por opressões de gênero, raça e classe, se transforma em enunciação política e resistência discursiva. Conforme propõe Evaristo em *A escrevivência e seus subtextos* (2017*)*, a escrita do vivido não se encerra no âmbito individual, mas inscreve-se como prática coletiva de denúncia e afirmação, o que permite aproximar a escrevivência das lutas feministas contemporâneas em torno do corpo, da autonomia e dos direitos reprodutivos. Assim, declara Conceição Evaristo:

> Meu texto literário não é inocente, a crítica e os ensaios são menos inocentes ainda. Creio que se há uma produção, pelo menos a meu ver, que fica muito difícil você traçar entre a cidadã/cidadão e a escritora/escritor é a de nossa autoria. Particularmente, não faço questão de separar: aqui está a escritora Conceição Evaristo e aqui está a cidadã Conceição Evaristo. Não separo (Evaristo, 2017, pag.41).

A afirmação de Conceição Evaristo de que não separa a escritora da cidadã explicita uma concepção de autoria que rompe com a ideia de

neutralidade estética e com a dissociação entre criação literária e posicionamento político. Em *A escrevivência e seus subtextos* (2017*)*, a autora propõe a escrevivência como um gesto de escrita indissociável da experiência vivida, especialmente das mulheres negras, cujas trajetórias são marcadas por opressões históricas de gênero, raça e classe. Nesse sentido, a autoria não se constitui como expressão individual isolada, mas como uma posição discursiva atravessada por memórias coletivas, vozes silenciadas e experiências compartilhadas. Ao afirmar que seu texto "não é inocente", Evaristo assume a escrita como prática ética e política, voltada à denúncia das desigualdades estruturais e à reinscrição de sujeitos historicamente marginalizados no espaço da linguagem. A escrevivência, assim, transforma o vivido em enunciação resistente, produzindo uma literatura que responde a discursos hegemônicos e reivindica o direito à palavra, aproximando-se de concepções dialógicas de linguagem que compreendem o enunciado como social, ideológico e responsivo.

Em diálogo com essas vozes feministas brasileiras, é possível aproximar o pensamento da ativista norte-americana bell hooks, cuja obra amplia a compreensão da luta das mulheres ao articular gênero, raça e classe como dimensões indissociáveis das opressões sociais. Para hooks, a libertação das mulheres não pode ser alcançada sem o enfrentamento simultâneo das estruturas racistas e capitalistas que sustentam o patriarcado. Sua reflexão sobre o corpo e a autonomia feminina reforça que o direito ao próprio corpo é também um direito político e coletivo, atravessado por relações de poder e pela necessidade de escuta das múltiplas vozes que compõem o feminino.

Assim como as feministas brasileiras, bell hooks compreende a escrita e a militância como formas de resistência e transformação social, reconhecendo na palavra um espaço de denúncia e de reconstrução da dignidade das mulheres. Em consonância com a noção de escrevivência formulada por Conceição Evaristo, que compreende a escrita como gesto indissociável da experiência vivida e da posição social do sujeito, bell hooks concebe a palavra como prática política e pedagógica. Para a autora, escrever é um ato de resistência que articula militância, produção de conhecimento e transformação social, ao reinscrever no discurso as experiências de mulheres historicamente marginalizadas. Assim como na escrevivência, a escrita, em bell hooks, não se apresenta como exercício neutro ou individual, mas como ação coletiva que

denuncia opressões e contribui para a reconstrução simbólica da dignidade das mulheres.

Mesmo que, bell hooks, assim como Conceição Evaristo, não pontue de maneira direta ou extensiva o aborto, ambas compartilham uma concepção de escrita profundamente vinculada à experiência vivida e à posição social das mulheres, concebendo a palavra como prática política capaz de tornar audíveis vozes historicamente silenciadas, assim bell hooks torna possível inferir algumas perspectivas a partir de sua obra sobre o feminismo, direitos reprodutivos e justiça social. Em sua obra, *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*, hooks declara:

> As mulheres do fim dos anos 1960 e início dos 1970 que clamavam por aborto tinham visto as tragédias de abortos ilegais e a miséria de casamentos forçados como consequências de uma gravidez indesejada. Vários de nós somos as crianças não planejadas de mulheres talentosas e criativas cuja vida foi mudada por uma gravidez não planejada ou indesejada. Nós testemunhamos a amargura, a raiva, a frustração com sua situação de vida. E estava claro para nós que não poderia haver qualquer libertação sexual genuína para mulheres e homens sem melhores e mais seguros métodos contraceptivos - sem o direito ao aborto seguro e legal (hooks, 2019, p. 96).

Dessa forma, bell hooks defende com determinação o direito das mulheres de controlar seus próprios corpos, argumentando que a capacidade de decidir sobre a maternidade é fundamental para a construção da liberdade feminina. Para a autora, negar às mulheres o direito de escolher sobre a gestação é perpetuar uma estrutura patriarcal que define o corpo feminino como território de dominação. Essa reflexão encontra ressonância nos movimentos feministas (mundialmente, no final dos anos 1960 e início dos 1970), quando as mulheres passaram a reivindicar com maior intensidade o direito ao aborto seguro e legal. Nesse mesmo contexto histórico, na França, ocorreu o “Manifesto das 343 vadias” (*Manifeste des 343 salopes*), redigido por Simone de Beauvoir e publicado em 1971, no qual 343 mulheres, entre intelectuais, artistas e ativistas, declararam publicamente ter realizado um aborto ilegal. O ato coletivo, considerado um marco de desobediência civil, expôs a hipocrisia moral e a desigualdade de gênero que condenavam as mulheres à clandestinidade e ao sofrimento. Beauvoir e as signatárias do manifesto reivindicavam o direito de

decidir sobre o próprio corpo como uma questão de liberdade, dignidade e justiça social, transformando a experiência individual de opressão em uma luta política compartilhada.

Na passagem em que Simone de Beauvoir descreve o drama das mulheres que recorrem às “fazedouras de anjos” e aos métodos precários do aborto clandestino, em *O segundo sexo* (1949), evidencia-se a violência simbólica e material que recai sobre os corpos femininos quando lhes é negado o direito à escolha. O relato de Beauvoir, ao expor o desespero e a clandestinidade das mulheres que arriscam a própria vida para interromper uma gravidez indesejada, antecipa o que Annie Ernaux, décadas depois, transformaria em matéria literária em *O Acontecimento* (2022). Ambas as autoras revelam a face histórica do sofrimento feminino, não como exceção individual, mas como condição social compartilhada, e denunciam o silenciamento imposto às mulheres diante de uma moral patriarcal que as condena por buscar autonomia. Assim Beauvoir descreve:

> […] Na cidade, as mulheres auxiliam-se mutuamente. Mas nem sempre é fácil descobrir uma "fazedora de anjos" e menos ainda juntar a importância exigida; a mulher grávida pede socorro a uma amiga ou opera-se a si mesma; essas cirurgias ocasionais são muitas vezes pouco competentes; facilmente se perfuram com gancho ou a agulha de tricô; um médico contou-me que uma cozinheira ignorante, querendo injetar vinagre no útero, injetou-o na bexiga, o que provocou horríveis sofrimentos […] (Beauvoir, 2016, p. 254).

Ernaux, ao narrar o próprio aborto vivido em 1963, encarna o testemunho que Beauvoir havia teorizado, o corpo feminino como campo de disputa ideológica, em que o pessoal e o político se fundem. Se em Beauvoir a análise filosófica desvela a opressão estrutural, em Ernaux o relato autobiográfico devolve a essa experiência um rosto, uma voz e uma memória social, transformando o acontecimento íntimo em signo coletivo de resistência.

O romance de Annie Ernaux narra a experiência da autora com a interrupção gestacional clandestina na França dos anos de 1960, procedimento que, atualmente, é legalizado nesse país. A obra insere-se em um heterodiscurso situado historicamente, no qual se intercruzam vozes sociais que circunscrevem e tensionam a experiência narrada, revelando os valores e interditos da época. Nesse contexto, a narrativa não apenas resgata uma vivência individual, mas

também expõe as dimensões éticas, legais e sociais que permeiam o aborto, bem como outras demandas que continuam a provocar debates, resistindo a uma solução definitiva.

A escrita de Ernaux, ao revisitar essa experiência sob uma perspectiva retrospectiva, assume o que Bakhtin (2003) denomina excedente de visão, ou seja, o olhar exterior que permite ao sujeito compreender o próprio passado e transformá-lo em forma estética e ética. Em *O Acontecimento*, Ernaux reconstrói o sofrimento vivido com uma linguagem contida, revelando, pela via da memória, as marcas de um tempo em que as mulheres eram silenciadas e o aborto permanecia como tabu. Nesse gesto, sua autobiografia se expande para o campo da autossociobiografia, pois a narrativa individual se converte em signo ideológico coletivo, denunciando as relações de poder, os discursos morais e as estruturas sociais que determinaram o destino de tantas mulheres de sua geração. Assim, o relato íntimo de Ernaux ultrapassa a esfera privada e se inscreve como ato de responsabilidade ética e social, transformando a lembrança pessoal em registro histórico.

Nesse cenário, a escrita de Annie Ernaux ergue-se como um gesto político, de denúncia e de ruptura como o silenciamento imposto a experiência feminina do aborto. Em *O Acontecimento* (2022), a autora esclarece:

> Def. São punidos com prisão e multa 1) o autor de toda e qualquer manobra abortiva; 2) os médicos, parteiras, farmacêuticos, e culpados de ter indicado ou facilitado essas manobras; 3) a mulher que provoca um aborto a si mesma ou que o consente; 4) a incitação ao aborto e a propaganda anticoncepcional. A proibição de resistência pode, além disso, ser aplicada contra os culpados, sem prejuízo, para aqueles da 2ª categoria, da privação definitiva ou temporária de exercer sua profissão Novo Larousse Universal. Edição de 1948 (Ernaux, 2022, p. 19).

Ao citar o *Nouveau Larousse Universel* (1948), Ernaux incorpora à sua narrativa autobiográfica uma voz institucional que registra a representação social dominante sobre o aborto na época. Mesmo que, não se trate de um texto jurídico, o dicionário expressa um discurso normativo que ecoa a moral oficial e o enquadramento legal vigente, evidenciando a severa condenação social do procedimento. Esse gesto literário mostra como sua escrita ultrapassa o âmbito do relato íntimo, articulando a experiência pessoal a documentos que compõem a memória coletiva. A presença dessa definição enciclopédica intensifica a

dimensão documental e crítica da obra, ao evidenciar a violência simbólica e normativa que cercava sua vivência. Desse modo, a autobiografia torna-se espaço de denúncia e de registro histórico da condição das mulheres diante da maternidade forçada e da clandestinidade do aborto.

Annie Ernaux é uma das mais relevantes vozes da literatura francesa contemporânea. Sua escrita é marcada por uma busca radical pela verdade de si, o que leva a explorar a autobiografia, como ela mesmo denomina de “escrita plana”. Esse estilo visa eliminar ornamentos literários, não para reproduzir o real de modo imediato, mas para construir, pela via simbólica da linguagem, um efeito de verdade, Ernaux não abdica do estilo; ao contrário, adota deliberadamente uma escrita de sobriedade e depuração, distinta das estratégias líricas ou fortemente dramatizadas, por compreender que essa forma expressiva melhor corresponde ao seu projeto de narrar a experiência.

É justamente nessa escolha estética, e não em sua negação, que reside a força de sua narrativa, ao recusar o artifício literário tradicional, a autora constrói discursivamente uma forma de dizer que acentua a experiência vivida e torna visíveis as tensões sociais que a atravessam. Assim, sua escrita se apresenta como um gesto ético e político, mas sempre mediado por escolhas formais que conferem sentido ao acontecimento narrado.

A sua postura ética e atraente constitui um rompimento com os padrões literários tradicionais, nos quais a subjetividade feminina, na maioria das vezes era silenciada ou idealizada. Ernaux, ao rejeitar artifícios retóricos e a linguagem rebuscada, formula uma maneira particular de narrar a si mesma, na qual corpo e memória assumem centralidade. No entanto, essa busca por uma escrita sóbria não implica acesso direto ao real, mas sim a construção discursiva de um efeito de verdade. Seu gesto narrativo pretende aproximar a experiência vivida de sua materialidade e dureza, ainda que tal aproximação seja sempre mediada pela linguagem e pelas escolhas estéticas que organizam o relato.

A ausência de sentimentalismo ou dramatização fortalece a potência da denúncia contida em sua obra, não se trata de uma ‘verdade crua’ dos fatos, no sentido de um real pré-discursivo, mas de uma escrita que busca produzir efeitos de sobriedade e de proximidade com a experiência, reduzindo mediações estilísticas. Afirma Ernaux:

> No meu diário, “tenho a impressão de estar grávida com abstração”- “encosto na minha barriga, está aqui. E sem mais imaginação. Se eu deixar o tempo passar, no próximo mês de julho vai sair uma criança de mim. Mas eu não a sinto” (Ernaux, 2022, p.39).

A passagem do diário de Annie Ernaux, […] “tenho a impressão de estar grávida com abstração”[…] evidencia um distanciamento radical entre a materialidade do corpo e a possibilidade de significação da experiência. Ao tocar a própria barriga e afirmar “está aqui”, a narradora reconhece fisicamente a gravidez, mas, ao mesmo tempo, declara a ausência de imaginação e de sentimento: “eu não a sinto”. Esse descompasso revela que a experiência do aborto e da gravidez, longe de se constituírem como vivências imediatamente acessíveis ao sujeito, são atravessadas por um regime de silêncio, interdição e negação simbólica. Na perspectiva do discurso dialógico, tal impossibilidade de sentir não se explica como um déficit individual, mas como efeito das condições sociais e ideológicas que regulam o dizer sobre o corpo feminino e a maternidade. A gravidez, enquanto signo ideológico fortemente normatizado, apresenta-se à narradora como algo abstrato, desprovido de linguagem afetiva, justamente porque lhe é imposto um conjunto de valores sociais que interditam sua plena enunciação. Assim, a abstração mencionada por Ernaux não remete a um vazio subjetivo, mas à ausência de um espaço discursivo legítimo para que essa experiência possa ser significada. O corpo existe, mas carece de reconhecimento simbólico, evidenciando a cisão entre o vivido e o dizível. Nesse sentido, a escrita do diário funciona como um primeiro gesto de resposta ao silêncio imposto, inscrevendo no discurso aquilo que, até então, permanecia sem lugar na linguagem.

2.3.*O Acontecimento*: estrutura, narrativa e projeto autossociobiográfico

A escrita de Annie Ernaux, na obra *O Acontecimento* (2000, ed.bras. 2022), se configura como um registro radical, em que a memória individual se abre ao horizonte coletivo. Essa narrativa se torna um modelo para analisar como os signos ideológicos atravessam a autobiografia, transformando um

episódio íntimo em discurso socialmente marcado. Nesse sentido, observa-se que a autora, ao narrar sua experiência, também evidencia as determinações de classe que permeiam sua trajetória, revelando como o pertencimento social influencia o modo de viver e de narrar o acontecimento. Sobre o tema, foi observado como a autora abordou a questão da classe social, especialmente em relação à sua própria, de sua família e amigos.

Quanto ao estilo literário, Ernaux é conhecida por ter um estilo direto, confessional, sendo assim, foi contextualizado como este estilo contribuiu para o impacto emocional de sua obra. Assim observa Paulo Roberto Pires, Folha de São Paulo (jan. 2022).

> […] Ernaux relembra que determinadas vidas não têm representação na arte porque não a têm, com a devida legitimidade e contundência, na sociedade. E imagina não um poema ou um romance, mas a composição plástica de uma natureza-morta, que reunisse bacia esmaltada, sonda vermelha e uma escova de cabelo — objetos dispostos numa mesa do opressivo apartamento em Paris onde faz o aborto. “Não creio que exista um Ateliê da fazedora de anjos em nenhum museu do mundo (Pires, 2022).

Como constata Pires (2022), determinadas vidas não encontram representação na arte porque também não a têm, com legitimidade, na sociedade. Ernaux não descreve sua experiência em tom lírico, mas recorre a uma escrita direta, despojada de ornamentos, que procura confrontar o leitor com a brutalidade do vivido. Logo, evoca a cena do aborto não como uma metáfora, mas sim como uma natureza-morta, composta por objetos concretos (uma bacia esmaltada, uma sonda vermelha e uma escova de cabelo) dispostos no apartamento angustiante em que ocorreu o procedimento. Descreve a autora:

> Na mesa havia uma bacia cheia de água fumegante onde boiava um cano fino e vermelho. Compreendi que era a nova sonda que ela pretendia enfiar em mim. Eu não tinha visto a primeira. Aquilo parecia uma serpente. Do lado da bacia, havia uma escova de cabelo (Ernaux, 2022, p. 52).

Esses elementos materiais, ao serem reinscritos na narrativa, deixam de ser meros objetos e passam a funcionar como signos carregados de valores sociais, como a precariedade, a clandestinidade e a solidão que marcavam os procedimentos abortivos da época. Assim, eles ultrapassam o plano descritivo e se articulam com os princípios dialógicos que sustentam a análise empreendida nesta pesquisa.

Por meio da personagem principal, são mobilizados os conceitos de signo ideológico (Volóchinov,2018), enunciado, discurso(Bakhtin,2003), heterodiscurso, (Bakhtin, 2015), bem como as reações valorativas envolvendo o tema, considerando os aspectos físicos, emocionais, sociais e ideológicos que ajudam a compor as outras personagens femininas e masculinas que se arquitetam no todo da obra.

O aborto ao ser narrado por Ernaux não é apenas uma experiência pessoal, mas signo ideológico que condensa as tensões de sua época, ou seja, o interdito jurídico, a condenação moral, a violência médica e o silêncio social.

Essa compreensão dialoga com a ideia de Bakhtin (2003) sobre a autobiografia, mesmo quando o sujeito toma sua vida como material narrativo, há sempre uma distância valorativa entre o “eu” que viveu e o “eu” que narra. Ernaux confirma esse princípio ao se fragmentar em dois lugares: a jovem que sofre clandestinamente as dores do aborto nos anos 1960, e a autora madura que, décadas depois, reinscreve essa experiência no papel. Dessa maneira, esse desdobramento corresponde ao que Bakhtin (2003) chama de excedente de visão, isto é, a capacidade do autor de olhar para a própria vida de fora, atribuindo-lhe novos sentidos estéticos, éticos e sociais.

A questão que se coloca nesta pesquisa, portanto, é: de que forma os signos ideológicos ligados ao aborto aparecem na obra, considerando aspectos sociais, contextuais e valorativos da contemporaneidade?

O relato da narrativa se inicia com a exposição de uma gravidez inesperada, vivida em segredo. Ernaux descreve esse momento como se estivesse carregando uma sentença: “Tornou-se uma coisa sem forma que avançava dentro de mim e era preciso destruir a todo custo” (Ernaux, 2022, p. 20). Aqui o signo ideológico “coisa” reflete e refrata a gravidez como uma vivência ainda não conceptualizada nem nomeada, permanecendo amorfa, como uma coisa.

Conduzindo a obra para o aspecto social, o aborto aparece como prática marcada pela clandestinidade e pela violência simbólica e material. O corpo da narradora, que sofre sangra, é também o corpo de todas as mulheres submetidas a condições frágeis e à marginalização social. O signo ideológico “aborto”, não é apenas uma experiência individual, ele reflete a estrutura patriarcal que transforma a autonomia reprodutiva feminina em questão de crime, pecado ou

desvio moral. A autora, ao narrar sua experiência, denuncia as desigualdades sociais, simplesmente mulheres pobres, desprovidas de redes de apoio e de recursos, expunham-se a procedimentos perigosos, enquanto as mulheres de classes sociais mais altas tinham acesso a meios clandestinos menos violentos.

Desse modo, o signo ideológico do aborto, no aspecto social, é exposto como marca de desigualdade, em que os corpos femininos não são somente biológicos, mas socialmente regulados. Ernaux desmonta a narrativa oficial, mostrando que o sofrimento íntimo da personagem não deve ser compreendido fora das estruturas sociais que o condicionam. Ernaux ressalta que as mulheres de sua condição social eram expostas a maiores riscos:

> Moças como eu estragavam o dia dos médicos. Sem dinheiro e sem contatos – senão não teriam ido parar no consultório deles às cegas, elas os obrigavam a se lembrar da lei que podia enviá-los à prisão e proibi-los de exercer a profissão para sempre (Ernaux, 2022, p. 28).

A expressão “sem dinheiro e sem contatos”, combinada com a ideia de “parar no consultório deles às cegas”, evidencia de maneira contundente a marca de classe social que atravessa a experiência narrada por Ernaux. Tais formulações revelam que o acesso à interrupção da gravidez não era apenas uma questão legal, mas profundamente desigual: mulheres das camadas populares, desprovidas de recursos financeiros e de redes de apoio, eram empurradas para situações de maior risco, vulnerabilidade e exposição à violência institucional.

Essa realidade evidencia que o aborto, mais do que uma questão individual, expressa as desigualdades de classe. O tema do aborto carrega valores sociais que delimitam quem tem acesso a condições seguras e quem precisa se submeter a práticas clandestinas e violentas.

No que se refere ao aspecto contextual, na França dos anos de 1960, o aborto era punido como crime, dessa forma, percebe-se o signo do “silêncio”. Ernaux declara que não podia compartilhar sua situação com professores, colegas ou familiares, pois a gravidez fora do casamento era vista como transgressão e não fazia parte do “planejamento familiar”. “As garotas que queriam abortar não se enquadravam nas regras morais estabelecidas pelo *Planning Familial*” (Ernaux, 2022, p. 24).

A narradora da autobiografia, reitera que o aborto, enquanto signo ideológico, era regulado não somente pela lei, mas também por instituições como o *Planning Familial*, que reproduziam um código moral excludente. A autora demonstra que a mulher que desejava interromper sua gravidez precisaria se colocar fora das regras estabelecidas, tornando-se alvo de estigmatização.

Esse processo se articula diretamente ao signo do silêncio, onde as moças que buscavam abortar precisavam ocultar suas práticas, vivendo em segredo o medo, a vergonha e a dor. O silêncio, nesse contexto, não é a ausência de voz, mas um signo ideológico que reflete a pressão social e refrata a marginalização da mulher. Ao calar, elas não escolhiam, mas eram forçadas pelo interdito social, jurídico e religioso a permanecer invisíveis.

Podemos visualizar a tese de Volóchinov (2018) na escrita de Ernaux de que o signo ideológico é uma arena de valores no caso do aborto, pois a experiência individual da narradora se encontra atravessada pelo discurso jurídico (crime), religioso (pecado), institucional (exclusão do *Planning Familial*) e pelo silêncio social, que enfatiza a clandestinidade e apaga a possibilidade de partilha coletiva da experiência. A autobiografia, ao romper esse silêncio décadas depois, se transforma em gesto político de resistência.

Na esfera valorativa, Ernaux rejeita o lirismo e o sentimentalismo. Sua linguagem é sóbria, quase documental, neste momento, o signo ideológico adquire uma dimensão ética e política, o testemunho da autora deixa de ser uma confissão íntima para se tornar um enunciado contra hegemônico, que rompe o silêncio histórico e legitima experiências antes excluídas do discurso público.

Por isso, os signos ideológicos ligados ao aborto aparecem em *O Acontecimento* como uma arena de disputa, entre o crime e o direito, entre a vergonha e a resistência, entre a lei patriarcal e a autonomia feminina. Então, a autora faz da autobiografia uma autossociobiografia, transformando a dor pessoal em denúncia coletiva.

No plano valorativo, essa narrativa rompe com o estilo tradicional da autobiografia. Ernaux não busca enobrecer a dor, mas expor sua brutalidade. Nesse movimento, a autora introduz o signo da resistência, pois ao narrar, transforma a experiência íntima e dolorosa do aborto em um ato de enfrentamento simbólico e de afirmação de voz em testemunho “[…] as coisas aconteceram comigo para que eu as conte” (Ernaux, 2022, p. 71).

Neste ponto, o testemunho funciona como um gesto político que rompe com o silêncio histórico e dá voz a uma experiência interditada pelo discurso oficial. De acordo com Bakhtin (2016, p. 25) “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva”. Ernaux escreve não apenas para si, mas para convocar o leitor a responder, a refletir criticamente sobre o lugar da mulher e sobre os discursos que a oprimem.

Então, quando pergunto: “De que forma os signos ideológicos ligados ao aborto aparecem na obra *O Acontecimento,* da escritora francesa Annie Ernaux, considerando aspectos sociais, contextuais e valorativos da contemporaneidade?”, declaro que o eixo central desta pesquisa é compreender o modo como a esfera literária reflete e refrata valores ideológicos sobre o corpo feminino, a memória e a moral social.

Nesse horizonte de análise, observa-se que, na obra *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, os signos ideológicos ligados ao aborto emergem como arenas de disputas sociais, contextuais e valorativas. Socialmente, aparecem associados à desigualdade de classe, já que apenas jovens de famílias ricas podiam recorrer a soluções seguras, enquanto mulheres pobres eram empurradas à clandestinidade. No plano contextual, revelam o peso das instituições jurídicas, religiosas e médicas da França dos anos 1960, que criminalizavam e estigmatizavam a prática, impondo às mulheres o signo do silêncio e da invisibilidade. Já no aspecto valorativo, Ernaux recusa o lirismo e constrói discursivamente um texto brutal que transforma a dor íntima em denúncia coletiva, atualizando o signo ideológico “aborto” na contemporaneidade como espaço de resistência, memória e luta por autonomia feminina.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A análise de parte obra *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, exige um aporte teórico que compreenda a linguagem como fenômeno social, histórico e ideológico, capaz de revelar tensões, disputas e resistências. Para tanto, este capítulo apresenta a fundamentação que sustenta esta pesquisa, com base no Círculo de Bakhtin, especialmente Bakhtin e Volóchinov, em diálogo com interpretações contemporâneas que reelaboram a teoria bakhtiniana a partir de novos contextos sociais, discursivos e ideológicos.

As teorias mobilizadas neste trabalho permitem compreender a linguagem como instância social, ideológica e responsiva na medida em que orientam a análise de enunciados concretos da obra, focalizando as vozes sociais que atravessam a narrativa, as avaliações que recaem sobre o corpo feminino e as estratégias discursivas por meio das quais se constroem tanto o silenciamento quanto a resistência. Esses aspectos serão examinados a partir da seleção e interpretação de recortes textuais, articulando conceitos como dialogismo, signo ideológico e excedente de visão. Tal articulação teórica subsidia uma abordagem interdisciplinar e responsiva voltada à escuta ativa das vozes femininas historicamente silenciadas.

Portanto, a organização da presente pesquisa decorre diretamente desse arcabouço teórico, uma vez que a compreensão da linguagem como prática social e ideológica exige a articulação entre contexto histórico, fundamentação conceitual e análise concreta dos enunciados. Desse modo, a estrutura da dissertação foi concebida de modo a conduzir o leitor do processo de constituição do objeto à contextualização histórica do aborto enquanto signo ideológico, passando pela explicitação das bases teóricas que sustentam a investigação, até alcançar a análise dialógica da obra. Essa disposição não se configura como mera divisão formal, mas como movimento metodológico coerente com os pressupostos bakhtinianos adotados, segundo os quais todo enunciado só pode ser compreendido em sua inserção histórica, social e axiológica.

O Capítulo 3 apresenta o referencial teórico que fundamenta esta investigação, delineando os pressupostos conceituais que sustentam a análise dialógica da obra *O Acontecimento*, de Annie Ernaux. Na seção 3.1, discute-se

a relação constitutiva entre sociedade, ideologia e linguagem, a partir das formulações do Círculo de Bakhtin, especialmente no que se refere às noções de signo ideológico, dialogismo, heterodiscurso e compreensão responsiva, evidenciando que todo enunciado se produz no interior de relações sociais historicamente situadas e axiologicamente orientadas. Já na seção 3.2, problematiza-se a escrita autobiográfica de Annie Ernaux na fronteira entre documento e literatura, examinando a partir das categorias de autoria, excedente de visão e alteridade, de modo a compreender como o relato de si se constitui como enunciado socialmente orientado e eticamente responsivo.

3.1 Sociedade, ideologia e linguagem: uma relação constitutiva

Nesse horizonte, compreender a linguagem como prática social e ideológica torna-se condição indispensável para a leitura proposta. Assim, parte-se do princípio de que sociedade, ideologia e linguagem não se configuram como instâncias separadas, mas como dimensões intrinsecamente articuladas, cuja relação será discutida a seguir.

A base da reflexão de Mikhail Bakhtin e do Círculo está na concepção de linguagem como fenômeno social, interacional e ideológico. Conforme evidencia Valentin Volóchinov (2018), em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem,* todo enunciado é atravessado por valores sociais e históricos, de forma que não há enunciado neutro em relação à ideologia. Assim, ao falar ou escrever, os sujeitos não apenas comunicam, mas também participam de disputas de sentido, posicionando-se em relação a discursos já existentes. Logo, a linguagem não é um sistema de signos neutros ou uma ferramenta de comunicação individual, mas sim um campo de forças ideológicas, onde os sentidos são constantemente disputados. Volóchinov (2018) declara:

> […] qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante (Volóchinov, 2018, p. 93).

Dessa maneira, o autor sustenta que os signos ideológicos (palavras, imagens, expressões, discursos) não existem isoladamente como simples descrições da realidade; ao contrário, eles participam ativamente da constituição dessa realidade de forma orientada, interessada e ideológica. A linguagem nunca é neutra ou desinteressada, mas sempre atravessada por valores e tensões históricas.

Na obra *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*, Faraco (2009) sistematiza as concepções que orientam o pensamento do Círculo e evidencia que uma de suas contribuições centrais é a crítica, formulada por Volóchinov, à visão abstrata e descontextualizada da linguagem predominante nas tradições formalistas e estruturalistas. Em particular, Volóchinov (2018) dirige sua crítica ao *Cours de Linguistique Générale*[2] (CLG - 1916), obra publicada postumamente a partir de anotações de alunos de Ferdinand Saussure. Como ressalta Faraco (2009), essa crítica não é dirigida ao próprio Saussure, mas à imagem dele cristalizada pelo CLG. Em oposição a essa perspectiva, o Círculo concebe a linguagem como um fenômeno essencialmente social, histórico e ideológico, constituído na interação entre sujeitos situados.

O signo ideológico – conceito amplamente empregado nos escritos de Volóchinov (2018) – carrega uma orientação valorativa, pois nasce e circula em meio a interesses sociais. Conforme enfatiza Faraco (2009),

> […] a enunciação de um signo é sempre também a enunciação de índices sociais de valor, isto é, a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semânticos-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores (Faraco, 2009, p. 54).

Logo, o signo ideológico se manifesta em diferentes formas de representação no âmbito da comunicação discursiva. Na esteira de Volóchinov (2018), os signos ideológicos não representam a realidade de forma direta e/ou

[2] O *Cours de linguistique générale* foi publicado em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir de anotações de cursos ministrados por Ferdinand de Saussure. Por isso, há consenso na historiografia da linguística de que não se trata de um livro escrito diretamente por Saussure, mas de uma reconstrução de suas ideias, sujeita a escolhas interpretativas de seus editores. Assim, a crítica volochinoviana recai sobre esse *CLG* e sobre a tradição saussuriana dele derivada, mais do que sobre o próprio Saussure, especialmente aquele dos manuscritos.

fidedigna, mas *reapresentam* essa realidade ao refletirem e refratarem sentidos sociais. Desse modo, a linguagem organiza, acompanha e comenta a estabilização de campos de semantização da realidade social (Zandwais, 2016), evidenciando que toda comunicação discursiva está imersa em ideologias e valores sociais. A linguagem não é um mero espelho da realidade, mas um espaço de construção e negociação de sentidos sobre essa mesma realidade, no interior da qual os signos ideológicos entram em jogo para criar interpretações possíveis, estruturando, em um só tempo, relações sociais e semânticas.

A linguagem, nesse sentido, é um campo de colisão em que diferentes vozes sociais disputam sentido. O signo ideológico constitui essa materialidade concreta atravessada por tensões, já que, ao refletir e refratar a realidade social, carrega inevitavelmente uma carga valorativa. Dessa forma, ao enunciar, o sujeito não apenas formula uma ideia individual, mas ocupa uma posição em uma cadeia de valores e pontos de vista, dialogando com enunciados anteriores e projetando respostas futuras. Assim, reflete Volóchinov (2018):

> A compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sígnico, e portanto material, a outro elo também sígnico (Volóchinov, 2018, p. 95).

Volóchinov, ao afirmar que o signo ideológico se torna uma arena em que se desenvolve a luta de classes, evidencia que a linguagem não deve ser concebida como um instrumento transparente ou desprovido de valor ideológico, mas como um espaço de embates e de confrontos discursivos. O signo ideológico é sempre atravessado por valores sociais, de forma que seus sentidos não estão prontos ou fixos, mas se constituem em confronto permanente entre diferentes vozes sociais. Então, a palavra, enquanto signo ideológico, não apenas reflete a realidade, mas a refrata, trazendo perspectivas diversas e, por vezes, contraditórias. Nessa senda, a materialidade do signo ideológico é marcada pela tensão, pois cada uso enunciativo mobiliza uma posição social e ideológica em diálogo com outras já existentes.

Em suma, todo signo é carregado de valores; todo enunciado, mesmo que pareça ser simples ou técnico, é prenhe de um projeto discursivo volitivamente

afirmado em resposta a outros projetos discursivos, outros pontos de vista. Por exemplo, a palavra aborto pode ser enunciada em variações muito distintas, podendo ser associada à ideia de direito ou de crime, de liberdade ou de pecado. Justamente, essa variação depende de quem fala, onde fala, como fala e por que o faz. Essa carga valorativa é inevitável, porque os signos ideológicos vivem em posições subjetivas/autorais singulares, organizadas ao redor de disputas de sentidos. Desse modo, compreender o aborto como acontecimento discursivo implica reconhecer que ele é atravessado por signos ideológicos, por palavras que o nomeiam (crime, pecado, direito), por discursos que o definem (jurídico, médico, religioso, feminista) e por silêncios que o interditam.

Esse entendimento encaminha para o dialogismo, um princípio epistemológico que sustenta toda a teoria da linguagem . A linguagem, segundo o Círculo, é dialógica por natureza, ou seja, todo enunciado presume um outro, ele responde a outros enunciados anteriores e antecipa possíveis respostas futuras. Faraco (2009), então, resgata essa ideia para explicar que nenhum ato de linguagem ocorre no vazio, pois os sujeitos falam e escrevem em contextos já marcados por discursos pregressos. O sujeito não é a única origem do enunciado, ele ocupa uma posição discursiva e se insere numa cadeia de sentidos pré-existentes. Afirma Faraco:

> […] o sujeito mergulhado nas múltiplas relações e dimensões da interação socioideológica, vai-se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. É nesse sentido que Bakhtin várias vezes diz, figurativamente, que não tomamos nossas palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros (Faraco, 2009, p. 84).

Esses pressupostos são centrais para pensar a questão da autoria na escrita de si desenvolvida nesta pesquisa. Em *O Acontecimento*, Annie Ernaux não se constitui como autora a partir de uma interioridade isolada, mas como sujeito discursivo que ocupa uma posição responsiva em relação a discursos jurídicos, médicos, religiosos e morais que historicamente regularam e silenciaram o aborto. A escrita de si, nesse sentido, é atravessada por vozes sociais preexistentes, que não são apenas compreendidas, mas tensionadas e deslocadas. É justamente nesse gesto que se inscreve a dimensão de resistência da obra, ao narrar o aborto clandestino com uma linguagem

despojada de eufemismos, Ernaux reinscreve no espaço público uma experiência interditada, confrontando os discursos hegemônicos que buscaram controlar o corpo feminino e silenciar essa vivência.

Logo, quando Bakhtin afirma que não tomamos nossas palavras do dicionário, ele indica que as palavras não têm um sentido puro, fixo ou abstrato. Embora, o dicionário liste significações estáveis, o sentido real de uma palavra se manifesta do uso social que se faz dela, isto é, da forma como a palavra é empregada nos enunciados concretos, nas situações reais de comunicação.

Todo uso da linguagem é responsivo e refrativo; as palavras, portanto, já vem carregadas de tons valorativos, de intensões, de histórias. Quando as tomamos dos lábios dos outros, carregamos com elas cargas ideológicas que nossa fala pode confirmar, modificar, resistir ou ironizar no que concerne aos sentidos já atribuídos.

Na obra *O Acontecimento* (2022), a narradora de Annie Ernaux constrói a sua narrativa autobiográfica articulando sua experiência particular com discursos socialmente instituídos que atravessam o tema do aborto, evidenciando que o sujeito enunciador se posiciona dentro de uma rede de significados históricos e ideológicos. Entre essas vozes sociais, destacam-se a voz médica (que patologiza e normatiza a prática), a voz jurídica (que criminaliza o aborto), a voz moral-religiosa (que condena a interrupção da gravidez), a voz midiática (que rotula a mulher que interrompe a gestação) e a voz feminista (que reivindica a autonomia reprodutiva). Essa pluralidade de vozes produz camadas de sentido e diálogos internos, articulando a experiência vivida com os discursos socialmente presentes, com isso mostrando de que maneira a narrativa da autora se concretiza em meio a tensões ideológicas e disputas de sentidos.

Ao narrar sua experiência sobre o aborto, Ernaux posiciona-se como sujeito dialógico: a autora dialoga com ela mesma (entre seu corpo, sua memória, sua vergonha e sua luta), com discursos que a interditam e, também, com os seus leitores. Esse movimento torna-se político, a autobiografia deixa de ser um ato privado para se converter em um ato público de resistência, exibindo as contradições de um ornamento social que faz do corpo feminino uma esfera de critérios contraditórios, ideologicamente tensionados.

3.2 Autobiografia – Annie Ernaux entre documento e literatura

A reflexão sobre tipos relativamente estáveis de enunciados, desenvolvida pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin no ensaio *Os gêneros do discurso* (2016 [1952-1953]), publicada na coletânea *Estética da criação verbal,* constituiu um dos eixos centrais da sua concepção dialógica da linguagem. Segundo o autor, os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de enunciados que se consolidaram historicamente nas distintas esferas da atividade humana.

> Isso significa que, ao produzirmos enunciados na linguagem, não o fazemos de forma aleatória ou exclusivamente individual, mas no interior de molduras discursivas que organizam e orientam o que é possível ou esperado dizer em determinado contexto.[..]cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados[…] (Bakhtin, 2016, pág.12).

Ao mesmo tempo em que são estáveis, os gêneros discursivos não são inflexíveis. Eles se mantêm relativamente constantes dentro das esferas da comunicação científica, jurídica, jornalística, cotidiana, literária, religiosa, entre outras, mas estão sujeitos a transformações, adaptações e ressignificações ao longo do tempo, conforme se modificam as práticas sociais que lhes dão articulação. Isso certifica que os gêneros não são formas neutras de expressão, mas organizações arquitetônicas típicas da interação discursiva, que sintetizam e reproduzem valores ideológicos, posições sociais e visões de mundo.

Ao refletir sobre a autobiografia, Bakhtin compreende que narrar a própria vida não é uma simples rememoração, mas um processo estético e ético de acabamento do eu no/pelo discurso. Em *O autor e a personagem na atividade estética* (2003), o filósofo distingue o autor criador do autor empírico, ressaltando que o sujeito, ao transformar a própria experiência em narrativa, assume uma posição de excedente de visão, ou seja, um olhar exterior que lhe permite dar forma e valor ao vivido. Essa distância é fundamental para que o “eu” que narra se relacione com o “eu” que viveu, constituindo uma alteridade interna que torna possível o gesto autobiográfico. Nesse sentido, a autobiografia é sempre atravessada pela presença do outro e pelas vozes sociais que moldam a

consciência individual. O ato de narrar a si é, portanto, um ato dialógico, no qual o sujeito se compreende e se constrói por meio das relações sociais e ideológicas que o circundam.

Em *O autor e a personagem na atividade estética* (2003 [1920-1924]), Bakhtin introduz o conceito de excedente de visão, expressão que designa o ponto de vista exterior que o autor ocupa em relação à personagem. Esse excedente consiste naquilo que o autor vê e sabe da personagem (e do mundo). mas que ela própria não pode ver. Trata-se de uma posição de alteridade e distância necessária à criação estética, só de fora é possível concluir, compreender e dar forma à vida. Assim, o autor detém um "excedente de visão" e um "excedente de conhecimento" que lhe permitem transformar a experiência vivida em obra, realizando um acabamento estético da personagem.

Através dessa compreensão dos gêneros, é possível reconhecer que certas tipicidades relativas carreguem uma história social e ideológica. A maneira como se escreve um depoimento jurídico ou uma autobiografia não é neutra, cada um desses gêneros responde a condições históricas e a relações de poder específicas.

Quando contemplamos a escrita de Annie Ernaux a partir desse conceito, compreendemos o modo como a autora revisita seu passado a partir de uma posição exterior, reinterpretando a experiência do aborto não apenas como vivência íntima, mas como acontecimento social. Seu olhar distanciado e analítico revela a presença do excedente de visão bakhtiniano, pois é devido à essa posição exterior que Ernaux pode compreender sua história pessoal como parte de um contexto coletivo e ideológico mais amplo. Dessa forma, o excedente de visão torna-se o elo entre a autobiografia e a autossociobiografia, já que permite à autora converter a memória individual em testemunho histórico, transformando a dor particular em enunciado social.

Ainda que, o termo autossociobiografia não apareça explicitamente na obra de Mikhail Bakhtin, sua compreensão pode ser construída a partir de um diálogo estreito com as formulações do autor sobre a relação entre autor e personagem, bem como sobre o caráter social, histórico e responsivo da linguagem. Na perspectiva bakhtiniana, a autobiografia constitui-se como um ato de enunciação atravessado pela alteridade, uma vez que o sujeito que narra não o faz em isolamento, mas em permanente interlocução com as vozes sociais,

culturais e ideológicas que o compõem. O “eu” autobiográfico é sempre tecido na fronteira com o outro, e sua palavra reflete o entrecruzamento de diferentes consciências valorativas. Nessa direção, ao adotar a perspectiva bakhtiniana sobre a autobiografia, podemos aproximar a noção de autossociobiografia da escrita de Annie Ernaux, entendendo-a como uma forma narrativa que articula o “eu” e o “nós”, o individual e o social. Trata-se, portanto, de uma associação construída nesta pesquisa, que busca dialogar com as reflexões de Bakhtin acerca do caráter social e responsivo da linguagem, relacionando-as às práticas contemporâneas de escrita de si. Assim, o relato de si converte-se em um testemunho social, em que a memória pessoal se transforma em espaço de diálogo com a história e com as vozes do outro.

Essa concepção de escrita que une o individual ao coletivo encontra eco na obra, *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, que a autora define como uma narrativa autossociobiográfica. Ao empregar esse termo, Ernaux busca expressar a dimensão simultaneamente pessoal e social de sua escrita, o “auto” que se recorda e o “sócio” que o constitui se fundem em um mesmo gesto de enunciação. A experiência íntima do aborto, vivida na França dos anos 1960, é reconstituída pela autora não como uma confissão, mas como uma tentativa de compreender a si e ao seu tempo, escrever a vida como parte de uma história coletiva. Sob esse prisma, a escrita de Ernaux concretiza, em termos literários, o princípio bakhtiniano segundo o qual a consciência individual se forma no diálogo com as vozes sociais e ideológicas. Assim, o relato pessoal adquire valor de testemunho, evidenciando que o sujeito se forma dialogicamente na interseção entre a memória subjetiva e as vozes sociais, entre o eu e o outro, entre a vivência individual e sua inscrição na história

Publicado originalmente em 2003, mas lançado no Brasil em novembro de 2023, *Escrita como faca e outros textos* reúne uma série de diálogos entre Annie Ernaux e o escritor Frédéric-Yves Jeannet (que atualmente vive nos Estados Unidos), nos quais a autora reflete sobre o sentido e a função de sua escrita. Nessa obra, Ernaux afirma compreender sua produção como autossociobiográfica, termo que sintetiza sua intenção de transformar a experiência individual em forma literária dotada de alcance coletivo. Ao afirmar que sua escrita deve “cortar o real como uma faca”, a autora destaca o compromisso com uma linguagem precisa, despojada e ética, capaz de expor as

tensões entre o íntimo e o social. Nesse gesto, Ernaux desloca o ato autobiográfico da esfera do “eu” para o campo do “nós”, buscando dissolver a fronteira entre memória pessoal e memória histórica. Sua autossociobiografia, portanto, consiste em um projeto de escrita que revisita o vivido não como confissão, mas como testemunho social, no qual a vida privada se converte em documento das estruturas simbólicas e das desigualdades de seu tempo.

> […] Mas não fico satisfeita com essa expressão “narrativa autobiográfica”, porque ela não é suficiente. Ela destaca um aspecto certamente fundamental, uma postura de escrita e de leitura radicalmente oposta à do romancista, mas não diz nada a respeito do intuito do texto, da construção dele […]. Bem, O Lugar, Une Femme (Uma mulher), A Vergonha e O Acontecimento em parte são menos autobiográficos e mais autossociobiográficos […] (Ernaux, 2023, p. 32).

Então, sua escrita, como a própria autora caracteriza sendo autossociobiográfica, não se limita à dimensão íntima, individual, mas se abre ao social, se tornando um espaço em que a experiência única ganha ressonância coletiva. Ao espelhar sobre sua própria produção intelectual, Ernaux explicita que sua obra busca cruzar a autobiografia do âmbito privado para o campo das práticas sociais, conferindo ao relato de sua experiência de aborto uma potência discursiva que ultrapassa o testemunho pessoal. Marie-Hélène Bernadet em seu artigo, escreveu:

> […] Não se afastar da verdade e afirmar apenas os fatos é um forte obstáculo à escrita, assim como a rejeição do academicismo, que exige um esforço de pesquisa para impor um estilo distinto e manter-se “abaixo da literatura”, como a própria Annie Ernaux coloca […] A preocupação da escrita em garantir a verdade social a leva a desenvolver um estilo de escrita sóbrio que aproxima o leitor ao máximo possível de uma experiência, sem a intermediação de um ethos sofisticado: “Busquei a forma de escrita que desse um sentido à realidade dessas relações [socioculturais] de dominação” (Bernadet, 2012, p. 7 [tradução própria]). [3]

Assim, ao explicitá-la como uma escrita que não se afasta da verdade, rejeita o academicismo e se mantém “abaixo da literatura”, Ernaux está, na

[3] […] Ne pas sortir de la vérité et exposer uniquement les faits est une contrainte forte pour l'écriture, tout comme le refus de l’académisme, qui demande un effort de recherche pour imposer unstyle à part et se maintenir « au-dessous de la littérature » comme le dit Annie Ernaux elle-même.[…] La préoccupation de l'écrivaine quant à la garantie d’une vérité sociale la conduit à l’élaboration d’une écriture sobre qui amène le lecteur au plus près d’un vécu, sans l’intermédiaire d’un ethos sophistiqué : « J’ai cherché la forme d’écriture qui donnerait à ressentir la réalité de ces rapports [de domination socio-culturels].»

verdade, definindo o estatuto autobiográfico de sua obra. Desigual da autobiografia tradicional, que na maioria das vezes idealiza a vida do autor ou estiliza a narrativa com recursos literários, sua autobiografia não busca exaltar um “eu singular”, mas mostrar como esse “eu” está atravessado por forças sociais, históricas e culturais.

Então, Ernaux ao afirmar que buscou “a forma de escrita que desse um sentido à realidade dessas relações [socioculturais] de dominação”, está declarando o fundamento de sua autobiografia, contar sua vida não como trajetória individual, mas como expressão coletiva de uma experiência compartilhada por muitas mulheres. Logo, no caso de *O Acontecimento*, sua narrativa do aborto não é só uma confissão pessoal, mas também uma denúncia e registro histórico.

No decurso do ensaio *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016) dedica uma atenção especial à noção de enunciado, que exerce um lugar central em sua teoria da linguagem. Para Bakhtin (2003), o enunciado é a unidade real da comunicação verbal, ou seja, não se trata de uma estrutura abstrata como a frase da gramática tradicional, mas de uma manifestação concreta da linguagem em uso, sempre estabelecida em um contexto social e histórico específico. O enunciado é aquilo que efetivamente é dito ou escrito por um sujeito em uma situação comunicativa determinada.

Bakhtin assegura que a língua está sempre a serviço de um locutor que a utiliza numa determinada condição de enunciação, em que a palavra, o signo, está em concordância com a situação social estabelecida concretamente, o locutor se ocupa da língua para as suas necessidades enunciativas concretas. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados, orais e escritos, concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Ao reconhecer o enunciado como manifestação concreta da interação verbal, entende-se que toda produção discursiva reflete posições sociais e ideológicas.

No capítulo III, da obra *Introdução à teoria do enunciado concreto*, do autor Geraldo Tadeu Souza, são apresentados os fundamentos da teoria do discurso concreto, ancorada nas reflexões do Círculo Bakhtin/Volóchinov/Medvedev. O autor parte da crítica às abordagens formalistas da linguagem, que reduzem o fenômeno linguístico a um sistema

abstrato de formas, desconsiderando sua dimensão social, histórica e interacional. Em oposição a essa perspectiva, a teoria do enunciado concreto compreende a linguagem como prática social efetiva, realizada por sujeitos historicamente situados.

Nesse quadro teórico, o enunciado é definido como a unidade real da comunicação verbal, distinguindo-se da frase gramatical ou da oração isolada. Enquanto estas (frase gramatical, oração isolada) pertencem ao domínio do sistema da língua, o enunciado pertence ao domínio do uso social da linguagem, sendo caracterizado por sua concretude, singularidade e orientação dialógica. Para Souza, o enunciado se manifesta de uma situação comunicativa específica, envolvendo interlocutores reais ou presumidos, e se encontra inserido em uma cadeia de outros enunciados, aos quais responde e diante dos quais se posiciona.

O autor ressalta que o discurso, na perspectiva do enunciado concreto, não deve ser entendido como um conjunto abstrato de textos ou estruturas linguísticas, mas como o processo vivo da interação verbal. O discurso se evidencia sempre por meio de enunciados concretos, produzidos em contextos sociais determinados e atravessados por valores ideológicos. Assim, enunciado e discurso não se separam: o enunciado é a forma concreta pela qual o discurso se realiza, e o discurso é o movimento social e histórico que se materializa em enunciados.

Um aspecto central discutido neste exposto capítulo, é o caráter dialógico do enunciado. Segundo Souza, todo enunciado se constitui como resposta a outros dizeres anteriores e, ao mesmo tempo, antecipa possíveis respostas futuras. Essa orientação responsiva confere ao enunciado um caráter essencialmente relacional, pois seu sentido não reside apenas na materialidade linguística, mas na relação que estabelece com outros enunciados e com o contexto social mais amplo. O sentido, portanto, é construído no encontro entre vozes, posições axiológicas e condições históricas específicas.

> Perseguindo a noção de *enunciado concreto*, tema de nossa dissertação, percebemos já nesse ensaio uma explicação dessa unidade da comunicação verbal que serve de base para as reflexões do Círculo: “O enunciado concreto (e não a abstração lingüística) nasce, vive e morre no processo da interação social dos participantes do enunciado. Sua significação e sua

> forma são determinadas, essencialmente, pela forma e pelo caráter dessa interação”(Souza,2002,p.88)

A presente citação evidencia que o enunciado concreto deve ser compreendido como um fenômeno acima de tudo social e histórico, indissociável das condições reais de interação em que é produzido. Ao afirmar que o enunciado “nasce, vive e morre no processo da interação social”, Souza (2002) reforça a ideia de que a unidade da comunicação verbal não reside na língua enquanto sistema abstrato, mas no uso efetivo da linguagem entre sujeitos socialmente situados. Desse modo, tanto a forma quanto a significação do enunciado são determinadas pela natureza da interação, isto é, pelas relações entre os interlocutores, pelas finalidades comunicativas, pelas condições históricas e pelos valores ideológicos em jogo. O enunciado concreto, portanto, constitui-se como um acontecimento singular, marcado pela alteridade e pela responsividade, pois emerge sempre como resposta a outros dizeres e se orienta para possíveis réplicas. Essa concepção fundamenta as reflexões do Círculo de Bakhtin ao deslocar a análise linguística do plano formal para o plano discursivo, permitindo compreender o sentido como resultado da interação social e não como propriedade imanente da linguagem.

Sendo assim, o autor reafirma que o enunciado concreto é inseparável das condições sociais de sua produção, sendo sempre atravessado por avaliações, entonações e posições ideológicas que refletem e refratam as relações sociais em que se insere. Nessa perspectiva, a teoria do discurso concreto compreende a linguagem como prática social viva, na qual o enunciado se constitui como evento singular, histórico e dialógico, fundamental para a análise dos processos discursivos. Essa noção mostra-se essencial para a leitura da escrita de Annie Ernaux, que, mesmo partindo do relato de si, não se encerra na expressão subjetiva, mas mantém um compromisso explícito com a factualidade e com a investigação sociológica da própria experiência.

Ao inscrever sua vivência individual em um horizonte coletivo, Ernaux tensiona as fronteiras entre o vivido e o narrado, afastando-se dos procedimentos híbridos da autoficção e produzindo enunciados que refratam, de modo crítico, as determinações sociais, históricas e ideológicas que atravessam sua experiência. Na distinção apresentada por Klinger (2007), com base em Philippe Gasparini (2004), a autoficção aparece como um terceiro gênero, isto é,

uma categoria híbrida situada entre a autobiografia e a ficção tradicional. Diferentemente da autobiografia, que pressupõe a coincidência entre autor, narrador e protagonista, e da ficção autobiográfica, em que o autor utiliza elementos de sua vida mas mantém a narrativa no campo da ficção, a autoficção tensiona essas fronteiras ao combinar simultaneamente traços referenciais e inventivos. Sustenta a ensaista:

> A linha que separa o romance autobiográfico da autoficção, segundo ainda a classificação de Gasparini, é mais sutil. [...] diferença entre ambas reside nos elementos que permitem ao leitor fazer uma validação da identificação, quer dizer, no nível da verossimilhança. O romance autobiográfico se inscreve na categoria do possível, do verossimilmente natural, ele suscita dúvidas sobre sua verificabilidade, mas não sobre sua verossimilhança; enquanto que a Autoficção mistura verossimilhança com inverossimilhança e assim suscita dúvida tanto a respeito da sua verificabilidade quanto da sua verossimilhança. Mantendo-se dentro da categoria do possível, do verossimilmente natural, o romance autobiográfico convence o leitor de que tudo se passa logicamente, mesmo que o narrado não seja verificável [...] (Klinger, 2007, p. 49).

Na compreensão da escrita como autossociobiografia, em que o “eu” narrado se dissolve no social, permite perceber porque Ernaux se distancia tanto da estilização literária quanto da ficcionalização. Sua narrativa não visa criar uma personagem de si mesma, mas restituir a experiência vivida em sua densidade histórica e coletiva. É nesse ponto, que se insere a discussão em torno da autobiografia e da autoficção trabalhada por críticos como Gasparini (2004) e Klinger (2007), no qual ajuda Ernaux a delimitar o lugar ocupado por sua obra.

No caminho dessa discussão, Klinger (2007) diferencia o romance autobiográfico da autoficção a partir do critério da verossimilhança. Para o autor, o romance autobiográfico se mantém dentro do campo do possível, ou seja, do verossimilhante natural, no qual, o leitor até pode duvidar da verdade do fato narrado, mas não de sua coerência interna. Já a autoficção, ao misturar verossimilhança e inverossimilhança, embaralha as fronteiras entre o fato e a invenção. No episódio de Annie Ernaux, porém, o problema não se coloca em termos de questionamento da verossimilhança, uma vez que sua escrita rejeita a ficção e busca se manter “abaixo da literatura”, em um registro sério. Logo, mais do que tensionar as fronteiras entre o fato e a invenção, *O Acontecimento* mobiliza o autobiográfico como forma de testemunho social, em que a

experiência individual do aborto se transforma em uma narrativa coletiva que reflete e refrata as relações de dominação do gênero e de classe.

Por isso, a escrita de Annie Ernaux se configura como um projeto autobiográfico, sustentado por um compromisso ético com a verdade da experiência. Esse gesto autoral evidencia a dimensão ética e social de sua obra, ao reinscrever a memória pessoal no espaço público, transformando-a em narrativa coletiva e socialmente significativa.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa se insere no campo da análise dialógica do discurso e tem como propósito estudar a obra *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, buscando compreender como o discurso autobiográfico da autora se articula às dimensões sociais, históricas e ideológicas que o atravessam. Fundamentada nos pressupostos de Mikhail Bakhtin e de Valentin Volóchinov, essa pesquisa parte da compreensão de que é na linguagem que circulam e se confrontam os signos ideológicos, os quais refratam valores, crenças e conflitos sociais. Nesse sentido, o aborto é assumido como signo ideológico central, mobilizado no discurso autobiográfico de Ernaux como espaço de disputa de sentidos, de memória social e de embate entre vozes sociais historicamente constituídas. Assim, os sentidos produzidos no texto literário não são neutros, mas resultam do diálogo entre diferentes vozes e esferas de atividade humana.

A justificativa desta pesquisa se apoia em duas dimensões complementares: uma interna, vinculada à contribuição teórico-analítica para os estudos do discurso, e outra externa, relacionada à relevância social e cultural do tema. No âmbito interno, o estudo busca ampliar e problematizar o alcance da teoria bakhtiniana, colocando-a em diálogo com a escrita autossociobiográfica de Annie Ernaux e examinando como essa forma de enunciação evidencia a interação de vozes e a circulação de ideologias.

. Essa perspectiva propicia um olhar diferenciado sobre a obra de Annie Ernaux, ao tratá-la não apenas como relato de vida, mas como prática discursiva em que se manifestam tensões entre o individual e o coletivo, o ético e o estético, o íntimo e o social. O trabalho, assim, contribui para o aprofundamento da análise dialógica em textos autobiográficos contemporâneos, demonstrando a potência da teoria bakhtiniana para ler narrativas marcadas por experiências de gênero e de exclusão social.

Já do ponto de vista externo, a pesquisa se justifica pela relevância social e política do tema abordado. Discutir *O Acontecimento* de modo dialógico significa refletir sobre o modo como a linguagem constrói sentidos em torno do aborto, da memória e do corpo feminino, problematizando as vozes que historicamente tentaram silenciar essas experiências. A análise da escrita de

Ernaux permite compreender como a literatura se torna um espaço de resistência e de enunciação de subjetividades marginalizadas, dando visibilidade a discursos interditados e possibilitando novas formas de compreensão sobre o feminino, os limites impostos à autonomia das mulheres diante da clandestinidade do aborto. Dessa forma, a pesquisa reafirma o papel da linguagem e da literatura como lugares de diálogo, de crítica social e de transformação simbólica.

A metodologia desta pesquisa é de natureza qualitativa, bibliográfica e interpretativa, fundamentada nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin e em diálogo com autoras feministas contemporâneas. O corpus de análise constitui-se da obra *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, a partir da qual se busca compreender a construção discursiva do aborto como signo ideológico em disputa. O objetivo geral desta pesquisa é analisar de que modo o signo ideológico “aborto” se configura na obra *O Acontecimento* (2022), de Annie Ernaux, como elemento constitutivo da escrita autobiográfica, revelando as relações entre o discurso individual e as vozes sociais que o atravessam. Para isso, mobilizam-se categorias como signo ideológico, heterodiscurso, excedente de visão e compreensão responsiva, que orientam a leitura da obra em sua dimensão estética, ética e social. A abordagem metodológica privilegia a análise dialógica do discurso, entendendo a literatura como prática enunciativa atravessada por valores ideológicos e por múltiplas vozes sociais. Para aprofundar essa proposta analítica e explicitar seus desdobramentos no corpus, apresentam-se, a seguir, os objetivos específicos da investigação:

(a) Examinar como, em *O Acontecimento*, a experiência individual do aborto é construída discursivamente como um signo ideológico, revelando o entrelaçamento entre memória pessoal, vozes sociais e valores históricos;

(b) Compreender de que forma a escrita autobiográfica de Annie Ernaux, à luz dos pressupostos bakhtinianos, evidencia que o relato íntimo é socialmente constituído, promovendo o deslocamento do eu para o nós, do privado para o público e do íntimo para o histórico, e permitindo que a narrativa funcione como espaço de resistência e de responsabilidade social.

A escolha da abordagem qualitativa se justifica por permitir a observação de aspectos simbólicos e valorativos do texto literário, possibilitando uma leitura que ultrapassa a simples descrição formal da obra e alcança as relações de sentido produzidas no encontro entre o sujeito, a linguagem e a sociedade. Trata-se, portanto, de uma investigação ancorada no método dialógico, proposto por Bakhtin e seu Círculo, segundo o qual toda produção discursiva é atravessada pela presença do outro e marcada por uma orientação responsiva em relação aos enunciados que a antecedem.

O *corpus* é constituído por passagens selecionadas do livro que tematizam o aborto e suas representações, especialmente aquelas que evidenciam a clandestinidade, o silêncio, a desigualdade social e a resistência, articulando o testemunho pessoal a uma arena discursiva mais ampla. Além do corpus literário, se recorre a documentos e estudos que complementam a análise, tais como, registros jurídicos e históricos mencionados pela própria Ernaux, além de produções críticas que contextualizam o debate sobre o aborto, autobiográfia e literatura testemunhal.

O percurso metodológico envolveu, inicialmente, uma revisão teórica e conceitual sobre os fundamentos da filosofia da linguagem bakhtiniana, especialmente as noções de enunciado, dialogismo, signo ideológico e excedente de visão, bem como estudos sobre autobiografia e autossociobiografia em Annie Ernaux. Essa etapa teve por objetivo estabelecer um referencial teórico capaz de sustentar a análise da obra e de iluminar as relações entre a experiência pessoal narrada e os discursos sociais que as constituem. Tais categorias teóricas fornecem a base para compreender a narrativa de Ernaux como espaço de tensão entre vozes sociais, em que o aborto não é apenas uma experiência individual, mas signo ideológico, que reflete e refrata valores históricos sociais e morais. Adicionalmente, se articulam as contribuições de comentadores contemporâneos do Círculo como Faraco (2009), as teóricas feministas (Simone de Beauvoir, bell hooks, Lucia Xavier, Bruna Benevides, Conceição Evaristo entre outras), que ampliam o diálogo entre discurso literário, memória e debates sobre o corpo e autonomia feminina reprodutiva.

O percurso metodológico seguiu diferentes etapas. Inicialmente, se realizou um levantamento bibliográfico relativo às obras do Círculo de Bakhtin,

aos estudos sobre autobiografia e autoficção, às pesquisas feministas e aos trabalhos acadêmicos que tratam do aborto em perspectivas social e discursiva. Logo após, se procedeu à leitura integral de *O Acontecimento*, com a seleção de fragmentos significativos para a análise. Esses trechos foram organizados em dois eixos analíticos, definidos a partir do referencial bakhtiniano e dos objetivos específicos da pesquisa: o eixo contextual, que reúne trechos marcados por interdições jurídicas, religiosas, médicas e institucionais; e o eixo valorativo, que se refere às escolhas narrativas e estilísticas da autora, como a recusa ao lirismo e o compromisso com a escrita séria e testemunhal. Cabe destacar que esses eixos são complementares entre si, uma vez que a dimensão contextual não se realiza sem a dimensão valorativa; a distinção proposta é, portanto, de ordem metodológica e didática, permitindo explicitar melhor as especificidades de cada um.

Em seguida, realizou-se uma leitura analítica e interpretativa do corpus, composto integralmente pelo livro *O Acontecimento*, publicado originalmente em 2000 e traduzido para o português em 2022. A escolha dessa obra se justifica por condensar, de forma exemplar, o projeto autobiográfico de Ernaux e por tematizar o aborto, questão de forte implicação ética, política e discursiva. A leitura concentrou-se em trechos que evidenciam o entrelaçamento entre memória individual e contexto coletivo, considerando o modo como a autora representa o corpo feminino, o silêncio social e o julgamento moral da sociedade francesa dos anos 1960.

Após a categorização, cada excerto foi examinado segundo os princípios da análise dialógica do discurso. Buscou-se identificar como os signos ideológicos se materializam na narrativa autobiográfica, refletindo e refratando a realidade social. A noção de heterodiscurso orientou a leitura das diferentes vozes que atravessam a obra (jurídica, médica, religiosa, feminista e midiática), enquanto a noção de excedente de visão possibilitou compreender a distância temporal e valorativa entre a jovem que vivenciou o aborto e a autora madura que o narra décadas depois. Além disso, a noção de compreensão responsiva norteou a análise comparativa entre o contexto francês representado na obra e o contexto brasileiro contemporâneo, evidenciando o diálogo entre diferentes tempos, espaços e valores ideológicos.

Os procedimentos de análise foram ainda contemplados pelo diálogo com autoras feministas, de modo a ampliar a interpretação das passagens selecionadas e situar o relato de Ernaux em uma arena discursiva atravessada por disputas de gênero, classe e poder. Esse movimento possibilitou articular a experiência individual narrada com questões coletivas, inscrevendo a análise em uma perspectiva interdisciplinar. Finalmente, os resultados obtidos a partir desse percurso metodológico foram organizados em sínteses interpretativas de maneira a evidenciar como o aborto, em *O Acontecimento*, é construído como signo ideológico em permanente disputa, surgindo como espaço de resistência, denúncia e memória coletiva.

Nesta dissertação, resistência é compreendida como um gesto discursivo e enunciativo, no qual a escrita do vivido reinscreve uma experiência corporal historicamente silenciada, deslocando sentidos hegemônicos e produzindo memória coletiva.

5. ANÁLISE DA OBRA *O ACONTECIMENTO*, DE ANNIE ERNAUX

Este capítulo se aplica à análise da obra *O Acontecimento* (2022), da escritora francesa, Annie Ernaux, a partir de passagens selecionadas que se mostram particularmente significativas para a compreensão dos signos ideológicos que atravessam a experiência do aborto clandestino narrado. A escolha desse procedimento analítico se fundamenta na perspectiva bakhtiniana, segundo a qual o sentido não se distribui de maneira homogênea no texto, mas se concentra em enunciados concretos nos quais se tornam mais visíveis as tensões axiológicas, os embates discursivos e as vozes sociais em circulação. Porém, mesmo que tenha realizado uma leitura contínua da obra, foi efetuado um exame interpretativo de fragmentos que condensam e refratam valores sociais, jurídicos, médicos e morais, permitindo evidenciar como o acontecimento do aborto é discursivamente construído como experiência singular e, ao mesmo tempo, socialmente compartilhada. Essa abordagem possibilita observar de que modo a escrita de Ernaux transforma a vivência corporal em enunciado socialmente significativo, inscrevendo o íntimo em uma arena de disputas ideológicas historicamente situadas.

A análise desenvolvida, nesta dissertação, busca investigar sob uma perspectiva bakhtiniana, de que modo os signos ideológicos ligados ao aborto se manifestam na obra *O Acontecimento* (2000; ed. bras. 2022), de Annie Ernaux, compreendida como narrativa autossociobiográfica. Partindo do entrecruzamento entre autobiografia, feminismo e teoria dialógica do discurso, busca-se compreender como a experiência do aborto, vivida no corpo e posteriormente elaborada na linguagem, pode transcender o âmbito estritamente íntimo e se constituir como voz coletiva. Nessa perspectiva, o aborto não é abordado apenas como prática social abstrata, mas como acontecimento corporal e discursivo, por meio do qual a narrativa refrata e problematiza valores sociais, jurídicos, médicos e religiosos que, historicamente, têm limitado a autonomia reprodutiva das mulheres. Na própria obra, Annie Ernaux manifesta a persistência e a força desse acontecimento em sua memória e em seu corpo, ao afirmar: “Há muitos anos estou às voltas com esse acontecimento da minha vida. Ler o relato de um aborto em um romance me arrebata, num sobressalto sem

imagens nem pensamentos, como se as palavras transformassem instantaneamente em sensação violenta” (Ernaux, 2022, p.15).

Esse enunciado sinaliza que o aborto, longe de permanecer como um episódio circunscrito ao passado, reaparece de forma recorrente no presente da enunciação, ligado pela linguagem e pela circulação de outros discursos sobre a mesma experiência. A leitura de narrativas alheias atua como gatilho sensível, reatualizando o vivido não apenas no plano da memória racional, mas no corpo, como “sensação violenta”, o que evidencia a inseparabilidade entre linguagem, corpo e experiência social. Sob uma perspectiva bakhtiniana, esse movimento indica que o acontecimento não se encerra no momento em que foi vivido, mas continua a existir na cadeia dos enunciados, sendo constantemente refeito e reescrito no diálogo com outras vozes e outros textos.

Dessa forma, a reação descrita por Ernaux confirma que o aborto se constitui como signo ideológico, uma vez que sua significação não é individual nem estável, mas se constrói na interação com discursos sociais que o precedem e o atravessam. As “palavras” que provocam o assombro não são neutras, elas carregam valores históricos, morais e institucionais que incidem sobre o corpo feminino, fazendo com que a experiência íntima se inscreva em uma memória coletiva marcada por interditos, silenciamentos e violências simbólicas. Assim, ao reconhecer que o relato de um aborto, ainda que alheio, mobiliza intensamente sua própria experiência, Ernaux evidencia como o vivido pessoal está incorporado em um horizonte social mais amplo, no qual a linguagem atua como mediadora da dor, da memória e da consciência histórica.

Esta discussão indica que, longe de se constituir como uma experiência individual isolada, tem se configurado na obra analisada, como signo ideológico atravessado por disputas sociais, contextuais e valorativas. No plano social, observa-se que a clandestinidade da prática afeta de modo desigual mulheres de diferentes classes, sugerindo que o corpo feminino se apresenta como território onde também se expressam as contradições de classe. No eixo valorativo, Ernaux recusou o lirismo e optou por uma escrita sóbria e documental, conferindo à sua narrativa força ética e política, que transforma o testemunho em gesto de resistência e memória coletiva.

Essa dimensão social do acontecimento é relatada pela própria narradora ao estabelecer relações e semelhanças com a sua experiência do aborto à sua origem de classe, conforme se observa no seguinte trecho:

> Eu estabelecia confusamente uma ligação entre minha classe social de origem e o que estava acontecendo comigo. A primeira a fazer um curso superior numa família operária e de pequenos comerciantes, eu tinha escapado da fábrica e do balcão. Mas nem o vestibular e a graduação em Letras puderam alterar a fatalidade da transmissão de uma pobreza da qual a filha grávida era, da mesma forma que o alcoólatra, o emblema. Eu estava ferrada, e o que crescia em mim era, de certa maneira, o fracasso social" (Ernaux, 2022, p.21).

Logo, nesse enunciado, o aborto é discursivamente associado a uma lógica de herança social e de estigmatização, na qual o corpo da mulher grávida fora do casamento emerge como signo visível de uma pobreza moral e simbólica que ultrapassa a condição econômica. Ao se perceber como "emblema" de uma pobreza transmitida, Ernaux revela que o julgamento social incide sobre seu corpo de forma violenta, reinscrevendo como um lugar de fracasso previamente determinado.

Sob a perspectiva de Volóchinov, esse processo revela o funcionamento do signo ideológico, que reflete e refrata as relações sociais, fazendo com que a experiência individual seja atravessada por valores coletivos que a antecedem e a excedem. Sendo assim, o fato de que nem mesmo a ascensão escolar tenha sido capaz de romper essa adversidade, validando que o controle moral sobre a sexualidade e a reprodução feminina não se restringe ao plano individual, mas constitui uma estrutura ideológica que atravessa e condiciona as possibilidades de ação do sujeito.

O aborto, nesse sentido, não se configura apenas como uma decisão íntima, mas como um acontecimento socialmente avaliado, no qual se confrontam projetos de vida, expectativas de classe e normas institucionais. Ao classificar o que "crescia" em seu corpo como "fracasso social", Ernaux explicita a sobreposição entre corpo biológico e corpo social, reforçando a compreensão de que a experiência do aborto se constitui como espaço privilegiado de manifestação das desigualdades e das violências simbólicas que incidem sobre as mulheres.

É justamente na articulação entre experiência individual, valores sociais e linguagem que a narrativa de *O Acontecimento* evidencia a produtividade da teoria bakhtiniana para sua leitura. O aborto não aparece na narrativa como um fator puramente íntimo, mas como um signo ideológico em disputa, no qual se condensam avaliações morais, institucionais e históricas. Conforme formula Volóchinov (2018), todo signo reflete e refrata a realidade social; nesse sentido, o aborto, na obra, reflete a condição concreta vivida por Annie Ernaux e, simultaneamente, refrata os discursos jurídicos, médicos e religiosos que a interpelam.

Ao longo da narrativa, se observa a presença de um heterodiscurso que atravessa o relato autobiográfico, vozes médicas que classificam e julgam, discursos jurídicos que criminalizam, enunciados morais que silenciam, além de ecos feministas que tensionam essa ordem discursiva. Tal multiplicidade confirma a noção bakhtiniana de heterodiscurso (Bakhtin, 2015), pois o relato de Ernaux constrói-se em diálogo constante com discursos sociais preexistentes, revelando que o "eu" narrado nunca fala isoladamente, mas a partir de um campo de forças ideológicas em permanente confronto. A escritora, assim sustenta:

> Eles não ousavam dizer a verdade, que não iam pôr tudo a perder por causa dos belos olhos de uma mocinha estúpida o bastante para se deixar engravidar. A menos que eles preferissem sinceramente morrer a infringir uma lei que deixava as mulheres morrerem. Mas todos deviam imaginar que, mesmo impedidas de abortar, elas encontrariam um jeito de fazê-lo(Ernaux, 2022, pág.28).

A partir dessa dinâmica, torna-se particularmente evidente quando a narradora afirma: "Eles não ousavam dizer a verdade, que não iam pôr tudo a perder por causa dos belos olhos de uma mocinha estúpida o bastante para se deixar engravidar. A menos que, eles preferissem sinceramente morrer a infringir uma lei que deixava as mulheres morrerem" (Ernaux, 2022, p. 28). Nesse fragmento, a voz da narradora incorpora e refrata o discurso masculino e institucional que a reduz à condição de "mocinha estúpida", evidenciando a culpabilização feminina e a naturalização da punição social. Ao antecipar o pensamento dos outros: "eles não ousavam dizer a verdade*"* , a narradora revela o caráter implícito, mas operante, dessas vozes sociais, expondo a violência simbólica que sustenta a ordem jurídica e moral.

O enunciado não reproduz passivamente tais discursos; diferentemente, ele os tensiona por meio de uma entonação crítica e irônica, desvelando a contradição de uma lei que, sob o pretexto de proteger a moral, “deixava as mulheres morrerem”. Assim, o heterodiscurso manifesta-se não apenas como coexistência de vozes, mas como embate axiológico no interior do próprio relato, no qual o “eu” autobiográfico se constitui dialogicamente em confronto com as forças ideológicas que buscam silenciá-lo.

É precisamente essa posição dialógica que torna possível compreender a atuação da categoria de excedente de visão (Bakhtin, 2003), a qual ilumina a distância temporal e axiológica entre a jovem que vivenciou o aborto clandestino e a autora madura que o reinscreve em palavras, possibilitando uma reavaliação crítica da experiência sem que isso implique o apagamento da dor vivida. Ao contrário, esse deslocamento intensifica a dimensão reflexiva da narrativa, permitindo que o aborto seja compreendido não apenas como trauma pessoal, mas como sintoma de uma organização social que historicamente negou às mulheres o direito de decidir sobre seus próprios corpos. Relata Ernaux:

> Durante anos, a noite do dia 20 ao 21 de janeiro foi um aniversário. Sei hoje que eu precisava dessa provação e desse sacrifício para desejar ter filhos. Para aceitar essa violência da reprodução no meu corpo e me tornar, por minha vez, lugar de passagem para gerações (Ernaux, 2022, pág.70).

No decurso em que afirma que “durante anos, a noite do dia 20 ao 21 de janeiro foi um aniversário” e que precisava daquela “provação” e “sacrifício” para desejar ter filhos, a narradora evidencia um deslocamento temporal e axiológico que se aproxima do que Bakhtin denomina excedente de visão. O acontecimento como experiência emocional desagradável do aborto, vivido no passado como dor, medo e clandestinidade, é reconfigurado, no presente da enunciação, como experiência que possibilita a aceitação da “violência da reprodução” e a inscrição do corpo feminino como “lugar de passagem para gerações”. Esse movimento não apaga o sofrimento, o trauma vivido, mas o reinscreve sob nova valoração, produzida pelo distanciamento temporal da autora em relação à jovem que foi. É a partir desse olhar exterior, que não coincide plenamente com o eu do passado, que a narradora confere acabamento à experiência, transformando-a em sentido. Dessa maneira, a memória não se apresenta como simples recordação,

mas como elaboração responsiva do vivido, na qual o eu que escreve assume uma posição extralocalizada em relação ao eu que sofreu, produzindo uma interpretação que só se torna possível graças a esse excedente de visão que permite compreender o acontecimento para além de sua dimensão imediata.

Nesse sentido, *O Acontecimento* radicaliza a escrita de si ao esclarecer aquilo que Bakhtin identifica como princípio constitutivo da autobiografia, a inseparabilidade entre o eu e o outro, entre a experiência individual e o horizonte social. Essa inseparabilidade torna-se visível quando a narradora revisita o episódio do aborto a partir de um lugar temporal e axiológico distinto daquele em que o viveu.

A narrativa de Ernaux não busca a singularização do sofrimento, mas sua inscrição em uma memória compartilhável, capaz de interpelar o leitor e convocá-lo a uma compreensão responsiva. Ao ler o relato, o sujeito-leitor é engajado no acontecimento, sendo chamado a posicionar-se diante das condições sociais que o tornaram possível. Assim, escrita autobiográfica, promove uma reflexão crítica sobre valores naturalizados que estruturam aquilo que se entende por “vida normal”. Logo, refletiu a autora:

> Não sei quando voltei ao mundo que chamamos normal, essa formulação vaga mas cujo sentido todo mundo entende, quer dizer, o mundo em que ver uma pia brilhante ou a cabeça dos passageiros em um trem não provoca mais questões nem dores. Comecei a escrever minha monografia. Cuidava de crianças à noite e trabalhava como telefonista para um cardiologista para reembolsar aos poucos o dinheiro do aborto. Fui ao cinema ver *Charada* com Audrey Hepburn e *Peau de banane* [casca de banana], com Jeanne Moreau e Belmondo, filmes que não me deixaram nenhuma lembrança. Cortei o cabelo, troquei os óculos por lentes, que pareciam tão difíceis de se ajustar nos olhos quanto botar o diafragma no fundo da vagina (Ernaux, 2022, pág. 70).

Quando Ernaux afirma não saber “quando voltei ao mundo que chamamos normal, essa formulação vaga mas cujo sentido todo mundo entende”, se constrói uma tensão entre experiência íntima e convenção social. O “mundo normal” não é descrito como um estado espontâneo, mas como uma categoria compartilhada, quase automática, cuja evidência é posta sob suspeita. A normalidade é definida negativamente, é o momento em que uma pia brilhante ou as cabeças dos passageiros no trem deixam de provocar dor ou questionamento. Tal formulação revela que o trauma altera a percepção do cotidiano, desfazendo a aparência de estabilidade do real.

Ao enumerar atividades que sinalizam reintegração social, escrever a monografia, trabalhar, cuidar de crianças, ir ao cinema, a autora expõe o esforço de reinscrição na ordem produtiva e moral da sociedade. No entanto, os filmes “que não me deixaram nenhuma lembrança” indicam um abandono afetivo, sugerindo que a normalidade é performada mais do que plenamente vivida. A necessidade de reembolsar “o dinheiro do aborto” evidencia ainda a dimensão material e econômica da experiência, revelando que o acontecimento não se encerra no corpo, mas se prolonga nas estruturas sociais que o cercam.

A transformação da aparência como cortar o cabelo, trocar os óculos por lentes, preconiza uma tentativa de reorganização identitária; contudo, a comparação entre ajustar as lentes e “botar o diafragma no fundo da vagina” reinscreve o corpo feminino como lugar de tensão e dificuldade. O gesto de modernização estética é atravessado pela memória corporal do controle reprodutivo, indicando que o corpo permanece como espaço de vigilância e disciplina.

Desse modo, o retorno ao “normal” não significa apagamento do acontecimento, mas sua incorporação silenciosa à vida cotidiana. A narrativa, ao expor essa transição ambígua, convoca o leitor a reconhecer que aquilo que se chama de normalidade repousa sobre experiências de dor, clandestinidade e desigualdade que permanecem invisibilizadas. Assim, a autobiografia não apenas relata um retorno, mas problematiza criticamente os valores sociais que definem o que deve ser esquecido para que a ordem se mantenha intacta.

Então, ao estudar o signo “aborto” na obra de Ernaux, observa-se que *O Acontecimento* mobiliza uma forma de escrita de si que, embora ancorada na tradição autobiográfica, radicaliza o princípio de alteritarismo que Bakhtin identifica nesse gênero, ao tornar explícita a inseparabilidade entre experiência pessoal e horizonte histórico. Nesse sentido, a narrativa não apenas registra uma vivência íntima, mas a inscreve em um campo de tensões sociais e ideológicas, instaurando um discurso que rompe silêncios e estigmas. Ao descrever sua experiência, a narradora de Ernaux não só testemunha, mas também confronta os discursos hegemônicos que, historicamente, controlaram o corpo feminino, transformando sua narrativa em um enunciado contra-hegemônico. Sendo desta forma, a autora manifesta:

> Para pensar minha situação, eu nunca empregava os termos que a designam, nem “estou esperando um filho”, nem “grávida”, muito menos “gravidez”, que rima com “estupidez”. Eles implicavam a aceitação de um futuro que se realizaria. Não valia a pena dar um nome para algo ao qual eu tinha decidido dar um fim. Na agenda, escrevia: “isso”, “essa coisa”, uma única vez “grávida” (Ernaux,2022, pág.20).

Na passagem em que a narradora afirma nunca empregar os termos que designam sua condição — “estou esperando um filho”, “grávida”, “gravidez” — se evidencia, na própria materialidade linguística do texto, a marca da clandestinidade e da recusa simbólica de um destino imposto. A substituição desses termos por expressões como “isso” e “essa coisa” não constitui simples variação estilística, mas revela um processo de apagamento nominal que reflete a situação de violência social vivida. Dar nome a esta questão, implicaria reconhecer e legitimar um futuro que a narradora já havia decidido interromper; por isso, a recusa da palavra é também recusa do roteiro social da maternidade compulsória. A observação de que “gravidez” rima com “estupidez” introduz ainda uma inflexão irônica e crítica, desmontando o valor positivo que o termo costuma carregar no discurso social dominante.

Da perspectiva bakhtiniana, tal movimento confirma que os signos são ideológicos, as palavras “grávida” ou “esperando um filho” não são neutras, mas carregam avaliações sociais consolidadas, associadas à aceitação da maternidade como destino natural da mulher. Ao evitar esses termos, a narradora revela que sua experiência não encontra lugar legítimo na linguagem disponível. A clandestinidade, portanto, não se manifesta apenas nas condições materiais do aborto, mas também na precariedade enunciativa que a cerca. A agenda, espaço íntimo de registro, torna-se lugar onde o acontecimento aparece desfigurado linguisticamente, “isso”, “essa coisa”, como se a própria linguagem estivesse contaminada pelo medo, pela culpa e pelo risco jurídico. Assim, a obra oferece elementos linguísticos concretos que comprovam que a injustiça sofrida pela narradora não é apenas social e institucional, mas também discursiva, ela é obrigada a habitar uma zona sem nome, em que a experiência não pode ser plenamente dita sem que se aceite o futuro que deseja negar.

Portanto, o texto literário materializa aquilo que esta pesquisa sustenta teoricamente, a criminalização do aborto produz não apenas sofrimento físico e desigualdade social, mas também um silenciamento simbólico. A recusa do

nome revela que, sob a clandestinidade, a linguagem se torna campo de tensão, evidenciando que o controle do corpo feminino passa, igualmente, pelo controle dos sentidos disponíveis para designá-lo.

As análises realizadas ao longo deste trabalho evidenciam que a literatura, quando abordada a partir do dialogismo, enquanto princípio precursor da teoria bakhtiniana, constitui-se como um campo privilegiado para a compreensão das relações indissociáveis entre linguagem, sociedade e ideologia. Nessa perspectiva, o texto literário se configura como espaço de circulação e confronto de vozes sociais, no qual se refratam valores históricos, posições axiológicas e disputas simbólicas próprias de seu tempo. Assim, a obra literária deixa de ser compreendida como expressão individual ou estética isolada, passando a ser entendida como prática discursiva socialmente situada, capaz de tornar visíveis conflitos, silenciamentos e resistências que atravessam a experiência humana. No caso específico de Ernaux, sua escrita expõe como a memória pessoal, quando enunciada, se converte em espaço de reflexão ética, política e estética, iluminando debates ainda urgentes na contemporaneidade.

Dessa maneira, ao voltar o olhar especificamente para *O Acontecimento*, se percebe que a força da obra não reside apenas no objeto que aborda, mas na forma como a experiência é discursivamente construída. Publicado originalmente em 2000, o texto se organiza como uma narrativa retrospectiva em que a autora, situada no presente da enunciação, retorna ao ano de 1963 para reconstruir o percurso de uma jovem estudante que descobre estar grávida e, diante da impossibilidade legal e social de levar adiante a gestação ou de interrompê-la de modo seguro, enfrenta a clandestinidade, o medo e o risco de morte.

A estrutura da obra é marcada por uma escrita rude, documental e fragmentária, que alterna lembranças pessoais, registros quase clínicos dos acontecimentos e a inserção de discursos exteriores, jurídicos, médicos, religiosos e morais, que atravessam a experiência da narradora. Essa composição evidencia como Annie Ernaux descreve sua vivência:

> […]Senti uma vontade violenta de cagar. Corri para o banheiro, do outro lado do corredor, e me agachei na privada, de frente para a porta. […] Aquilo jorrou como uma granada, num esguicho d'água que se espalhou até a porta. Vi um bonequinho pender de meu sexo na ponta de um cordão avermelhado.

> […]temos a impressão de ter visto um pênis. Então eu tinha sido capaz de fabricar isso[…] (Ernaux,2022,pág. 58).

É nessa esfera de escrita rude, documental e fragmentária que se insere a cena da expulsão do feto, narrada sem atenuações imagéticas ou eufemismos. A descrição, marcada por termos corporais diretos, pela comparação com uma “granada” e pela visualização do “bonequinho” preso por um “cordão avermelhado, rompe intencionalmente com qualquer idealização da maternidade ou da experiência gestacional. A linguagem assume tonalidade quase clínica, mas não abandona a dimensão subjetiva do choque e da perplexidade (“Então eu tinha sido capaz de fabricar isso”), evidenciando a tensão entre o corpo biológico e a consciência que tenta compreender o ocorrido. Ao expor o episódio em sua materialidade visceral, a narrativa desestabiliza discursos jurídicos, religiosos e morais que tendem a abstrair o aborto em categorias normativas, afastando-o da experiência concreta da mulher. A fragmentação sintática, os cortes abruptos e a ausência de sentimentalismo reforçam o caráter documental do relato, ao mesmo tempo em que intensificam seu efeito ético sobre o leitor, que é confrontado com a dimensão física e histórica do acontecimento.

É precisamente essa restituição da experiência à sua concretude corporal que possibilita o deslocamento operado pela autora ao nomear o aborto como “acontecimento”. Como a própria denominação da obra sugere, há uma ambiguidade significativa, pois trata-se de um evento singular, íntimo, vivido no corpo de uma jovem mulher de 23 anos, mas também de um acontecimento histórico cuja significação ultrapassa o âmbito privado e se inscreve na memória coletiva. Ao nomeá-lo dessa forma, Ernaux retira o aborto da esfera do segredo e o reinscreve no espaço do dizível, transformando-o em signo ideológico que reflete e refrata as tensões sociais de sua época.

Sob a perspectiva bakhtiniana, a narrativa evidencia o funcionamento do heterodiscurso, as vozes do dicionário, da medicina, do sistema jurídico, das amigas, dos homens com quem a autora dialoga, não aparecem como pano de fundo neutro, mas como forças discursivas que delimitam e constrangem as possibilidades de ação da personagem. A escrita de Ernaux, ao incorporá-las, não as reproduz passivamente; antes, coloca-as em confronto com a experiência concreta do corpo que sofre, que sangra, revelando a distância entre a norma abstrata e a vida vivida.

Portanto, mencionar a obra em si significa reconhecer que *O Acontecimento* constitui um espaço literário onde se dramatiza a luta entre diferentes valores sociais. O texto não apenas relata um aborto clandestino; ele expõe a estrutura de uma sociedade que transforma a sexualidade feminina em campo de vigilância e punição. Ao converter a dor pessoal em enunciado público, Ernaux produz um gesto autoral que articula estética e ética, memória e crítica social, reafirmando a literatura como prática discursiva capaz de tornar visíveis os conflitos ideológicos que atravessam a experiência humana.

É necessário compreender que esta pesquisa se circunscreve à análise de partes específicas da obra *O Acontecimento*, não abrangendo a totalidade da produção literária de Annie Ernaux nem a amplitude dos debates históricos, sociais e jurídicos que envolvem o tema do aborto. Ainda assim, as leituras realizadas até aqui sugerem que a narrativa escolhida apresenta densidade suficiente para tensionar debates contemporâneos sobre corpo, gênero, classe e memória, especialmente no contexto brasileiro, no qual a autonomia reprodutiva permanece restrita e constantemente contestada.

Dessa forma, a presente dissertação contribui para os estudos literários e discursivos ao demonstrar como a escrita autobiográfica, possa vir a contribuir para a prática do debate social sobre os direitos reprodutivos das mulheres, reafirmando a relevância de se escutar e compreender suas experiências historicamente silenciadas. Assim, ao explorar a obra de Ernaux a partir da teoria bakhtiniana, percebe-se que todo testemunho de si pode ser também testemunho do outro, e que narrar o acontecimento íntimo implica, inevitavelmente, narrar dimensões mais amplas da vida social.

À luz dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, especialmente da concepção de signo ideológico formulada por Valentin Volóchinov, o aborto, na obra *O Acontecimento*, não se configura como um dado biológico isolado, mas como um signo socialmente constituído, atravessado por valores, discursos e disputas históricas. Todo signo, conforme Volóchinov (2018), reflete e refrata uma realidade exterior; nesse sentido, o aborto, na narrativa de Annie Ernaux, emerge como arena de embate entre diferentes vozes sociais que tensionam seu significado. Trata-se de um signo repleto de ideologia, no qual convergem discursos jurídicos, médicos, religiosos, morais e feministas, revelando que sua significação é permanentemente disputada.

À vista disso, o diálogo com Simone de Beauvoir torna-se elucidativo. Ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se”, Beauvoir evidencia que o corpo feminino é historicamente construído sob normas que delimitam sua função social. Ernaux, ao narrar o aborto clandestino, encarna literariamente essa condição teorizada, expondo o corpo como território de normatizações e interdições. Em consonância, a reflexão de bell hooks amplia essa compreensão ao articular gênero, classe e poder, permitindo perceber que o aborto não afeta todas as mulheres de maneira consistente, mas incide de forma mais violenta sobre aquelas situadas em posições de maior vulnerabilidade social. Já a perspectiva de Conceição Evaristo aproxima-se da escrita de Ernaux ao conceber a experiência vivida como matéria de enunciação política. A noção de escrevivência, proposta por Evaristo, evidencia que narrar o próprio corpo e a própria dor constitui gesto de resistência discursiva, transformando memória individual em denúncia coletiva.

Logo, o aborto, em *O Acontecimento*, se configura como signo ideológico em disputa, cuja significação ultrapassa o âmbito do íntimo e se inscreve no campo histórico e político. A narrativa de Ernaux não apenas relata um evento passado, mas reinscreve-o como enunciado responsivo que tensiona discursos hegemônicos e rompe o silêncio imposto às mulheres. O signo “aborto”, ao ser apropriado literariamente, deixa de operar exclusivamente como marca de culpa ou crime e passa a funcionar como instrumento de crítica social e afirmação de autonomia. Assim, evidencia-se que a escrita autobiográfica, sob uma perspectiva dialógica, constitui espaço privilegiado de confrontação ideológica, no qual o eu narrado se desloca para o nós coletivo, reafirmando a literatura como prática ética, política e transformadora.

Diante do exposto, declara-se que a análise do signo ideológico “aborto” em *O Acontecimento* permitiu compreender não apenas a configuração discursiva de uma experiência autobiográfica, mas também a complexa rede de vozes sociais que a constitui e a tensiona. Ao articular memória individual, contexto histórico e disputa ideológica, a escrita de Annie Ernaux demonstra que o relato íntimo jamais se encerra na esfera privada, inscrevendo-se, ao contrário, no campo das relações sociais e dos embates axiológicos que atravessam o corpo feminino. A partir do diálogo estabelecido com o pensamento bakhtiniano e com as contribuições de teóricas feministas, tornou-se possível reconhecer o

aborto como signo historicamente construído e permanentemente disputado, cuja significação revela as estruturas de poder que regulam a sexualidade e a reprodução.

Assim, tendo examinado os modos pelos quais esse signo se materializa na obra e se projeta para além dela, passa-se, nas Considerações Finais, à retomada dos objetivos propostos e à sistematização dos principais resultados alcançados, destacando as contribuições desta pesquisa para os estudos do discurso, da literatura e das questões contemporâneas relativas ao corpo, à memória e aos direitos reprodutivos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o percurso pesquisador delineado nesta dissertação, é possível afirmar que os objetivos propostos foram alcançados de modo consistente e articulado. O objetivo geral, que consistiu em analisar de que modo o signo ideológico “aborto” se configura na obra *O Acontecimento*, de Annie Ernaux, como elemento constitutivo da escrita autobiográfica, se revelou plenamente contemplado à medida que a análise evidenciou o aborto como signo socialmente saturado de valores e atravessado por múltiplas vozes discursivas. Se constatou que o acontecimento narrado ultrapassa a dimensão biográfica e se inscreve como enunciado responsivo, no qual se entrecruzam discursos jurídicos, médicos, religiosos, morais e feministas, configurando uma arena ideológica em permanente disputa. Do mesmo modo, os objetivos específicos foram atingidos ao se examinar como a experiência individual do aborto é discursivamente construída enquanto signo ideológico, articulando memória pessoal e contexto histórico, e ao se compreender que a escrita autobiográfica de Ernaux promove o deslocamento do eu para o nós, do privado para o público, convertendo o relato íntimo em testemunho coletivo e gesto de resistência. Sendo assim, a partir do diálogo entre a teoria bakhtiniana e as reflexões feministas mobilizadas, foi possível demonstrar que a literatura, enquanto prática discursiva situada, constitui espaço privilegiado de problematização das estruturas sociais que regulam o corpo feminino, confirmando a pertinência teórica e metodológica do caminho escolhido e consolidando o êxito da pesquisa empreendida.

Concebe-se que esta pesquisa se limita à análise de uma obra específica do conjunto da produção literária de Annie Ernaux, *O Acontecimento* (2022), não abrangendo a totalidade de sua escrita nem a amplitude dos debates que envolvem o aborto em diferentes contextos históricos e culturais. Mesmo assim, a análise de *O Acontecimento* (2022) revela densidade suficiente para tensionar discussões contemporâneas acerca de corpo, gênero, classe e memória, especialmente no contexto brasileiro, no qual a autonomia reprodutiva das mulheres permanece restrita e constantemente contestada.

A leitura dialógica da obra, *O Acontecimento* (2022), fundamentada nos aportes teóricos do Círculo de Bakhtin, permitiu compreender o aborto como signo ideológico em permanente disputa, atravessado por vozes sociais, valores e posicionamentos historicamente situados. Ao narrar o aborto clandestino, a autora, não apenas expõe uma experiência individual, mas reinscreve no discurso literário um acontecimento silenciado, revelando os mecanismos sociais, institucionais e simbólicos que regulam o corpo feminino. Desse modo, a escrita autobiográfica se evidencia como prática discursiva socialmente situada, na qual o eu narrativo se constitui na relação com o outro e com o horizonte histórico que o interpela.

Os resultados da análise indicam que na escolha de sua escrita, a autobiografia, Ernaux recusa o lirismo e propõe a adoção de uma escrita sóbria e documental, que produz efeitos éticos e políticos relevantes, ao desnaturalizar discursos que historicamente legitimaram o sofrimento e o silenciamento das mulheres. A sua narrativa transforma o testemunho individual em gesto de resistência simbólica, contribuindo para a construção de uma memória coletiva que confronta estigmas e interditos associados ao aborto. Nesse sentido, a obra reafirma o potencial da literatura de tornar visíveis conflitos sociais e de tensionar valores hegemônicos cristalizados.

A articulação das categorias bakhtinianas mobilizadas ao longo da pesquisa, tais como signo ideológico, heterodiscurso, excedente de visão e compreensão responsiva, se mostrou fundamental para a análise do texto literário, permitindo evidenciar a complexidade do enunciado autobiográfico e sua inserção em um campo de forças sociais mais amplo. O distanciamento temporal entre a experiência vivida e o momento da escrita possibilita uma reavaliação crítica do acontecimento, sem apagar a dor inscrita no corpo, reinscrevendo o passado como interrogação ética e política no presente. Essa dinâmica evidencia a inerência entre experiência pessoal e dimensão social, princípio central da teoria bakhtiniana.

Ao aproximar a narrativa de Ernaux do contexto brasileiro contemporâneo, marcado por legislações restritivas e por recorrentes tentativas de recrudescimento penal do aborto, a pesquisa reafirma a atualidade da obra e a pertinência de sua leitura. A compreensão responsiva orienta essa aproximação,

permitindo que o texto literário seja lido não como registro encerrado em seu tempo, mas como enunciado que continua a produzir sentidos e a interpelar leitores em diferentes contextos históricos e sociais.

Por isso, essa dissertação contribui para os estudos literários e discursivos ao demonstrar que a escrita autobiográfica pode operar como espaço de resistência, memória e produção de conhecimento, especialmente quando articulada a experiências femininas historicamente silenciadas. A análise de *O Acontecimento* evidencia que ao descrever o acontecimento íntimo implica, inevitavelmente, reafirmar o papel da literatura como prática social viva, capaz de confrontar o silêncio, o estigma e a invisibilização. Assim, ao reinscrever o aborto no campo do discurso, a obra de Annie Ernaux amplia o horizonte de compreensão sobre o corpo, a autonomia e os direitos das mulheres, mantendo-se como referência incontornável para o debate contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais. *Bruna Benevides é eleita uma das 100 pessoas mais influentes do mundo em 2022 pela Time*. 2022. Disponível em: https://antrabrasil.org. Acesso em: 20 set. 2025.

APNEWS. Annie Ernaux wins Nobel Prize in literature. 2022. Disponível em: https://apnews.com/article/annie-ernaux-nobel-prize-literature 1f3dd6d357a92e56e845e66afe07b227. Acesso em: 20 set. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso (1952-1953). *In*: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do* discurso. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I*: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. 256p

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O autor e a personagem na atividade estética (1920-1924). In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Estética da criação verbal. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 3-191.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BERNADET, Marie-Hélène. Analyse de l'écriture d'Annie Ernaux dans La Place et La Honte: entre littérature et sociologie. Kandidatuppsats, Institutionen för franska, italienska och klassiska språk, [Universidade], Höst 2012. 15 p. Directeur de mémoire: Hans Färnlöf.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (STF). Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 54. Relator: Min. Marco Aurélio. Julgamento em 12 de abril de 2012. Reconheceu a possibilidade de interrupção da gestação em casos de anencefalia fetal.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (STF). Habeas Corpus nº 124.306/RJ. Relatora: Min. Rosa Weber. Julgamento em 29 de novembro de 2016.

BOND, Letycia. Aborto Clandestino: nova pesquisa mostra o que pensa a população brasileira sobre a prática. Brasil de Fato. São Paulo, 28 de março.2022.Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/03/28/aborto-clandestino-nova-pesquisa-mostra-o-que-pensa-a-populacao-brasileira-sobre-a-pratica. Acesso em 25 de nov.2023.

CEPIA – Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação. *Comba Marques Porto: trajetória e atuação*. Rio de Janeiro: Cepia, 2020. Disponível em: https://cepia.org.br. Acesso em: 20 set. 2025.

COMISSÃO do Senado aprova projeto que proíbe aborto após a 22ª semana de gestação, mesmo nos casos previstos em lei. G1, 16 out. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/10/16/comissao-do-senado-aprova-projeto-que-proibe-aborto-apos-a-22a-semana-de-gestacao-mesmo-nos-casos-previstos-em-l . Acesso em: 20 set. 2025.

CRIOLA. *Lúcia Xavier e a luta antirracista e feminista no Brasil*. Rio de Janeiro: Criola, 2021. Disponível em: https://criola.org.br. Acesso em: 20 set. 2025.

ERNAUX, Annie. O acontecimento. Tradução: Isadora de Araújo Pontes. 1.ed. São Paulo: Fósforo, 2022.

ERNAUX, Annie. *A escrita como faca e outros ensaios*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ESTADO – LAICIDADE. O Brasil é uma república laica, surgindo absolutamente neutro quanto às religiões. Considerações. FETO ANENCÉFALO – INTERRUPÇÃO DA GRAVIDEZ – MULHER – LIBERDADE SEXUAL E REPRODUTIVA – SAÚDE – DIGNIDADE – AUTODETERMINAÇÃO – DIREITOS FUNDAMENTAIS – CRIME – INEXISTÊNCIA. Mostra-se inconstitucional interpretação de a interrupção da gravidez de feto anencéfalo ser conduta tipificada nos artigos 124, 126 e 128, incisos I e II, do Código Penal. (ADPF 54, Relator (a): Min. MARCO AURÉLIO, Órgão julgador: Tribunal Pleno, Julgamento: 12/04/2012, Publicação: 30/04/2013.).

ESTADÃO. Francesa Annie Ernaux ganha o Prêmio Nobel de Literatura 2022. 2022. Disponível em: https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/francesa-annie-ernaux-ganha-o-premio-nobel-de-literatura-2022/ Acesso em :11Set/2025.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & Diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, junho de 2009.

G1. Parlamento da França torna o aborto um direito constitucional. G1, 4 mar. 2024.Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/04/parlamento-da-franca-torna-o-aborto-um-direito-constitucional.ghtml Acesso em 11 set . 2025.

GASPARINI, Philippe. Est-il je? Roman autobiographique et autofiction. Paris: Seuil,2004

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

KLINGER, Diana, Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

LOPES, Anna Júlia. Magno Malta apresenta PEC para barrar aborto. Poder360, 23 de set. 2023. Disponível em: < https://www.poder360.com.br/congresso/magno-malta-apresenta-pec-para-barrar-aborto/>. Acesso em: 30 de ago. 2024.

NOBELPRIZE.ORG. The Nobel Prize in Literature 2022 – Press release. 2022. Disponível em: https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2022/press-release/Acesso em 11set/2025.

NEW YORKER. Annie Ernaux's justly deserved Nobel. 2022. Disponível em: https://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/annie-ernauxs-justly-deserved-nobel. Acesso em11set/2025.

PIRES, Paulo Roberto. Escrito a faca. Folha de são Paulo. São Paulo, 13 jan.2022. Disponível em: https://www.quatrocincoum.com.br/br/colunas/critica-cultural/escrito-a-faca. Acesso em: 26 de nov. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bally et Albert Sechehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger. Lausanne; Paris: Payot, 1916.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Geraldo Tadeu. Introdução à teoria do enunciado concreto: do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. ISBN 85-7506-060-0.

STARLING, Virgínia Siqueira. *Annie Ernaux transforma a própria vida em material literário*. Quatro Cinco Um, Folha de S. Paulo, 2019. Acesso em 12 de Out.de 2025.

UOL. Escritora francesa Annie Ernaux ganha Prêmio Nobel de Literatura de 2022 Disponível em: https://www.uol.com.br/splash/noticias/reuters/2022/10/06/escritora-francesa-annie-ernaux-ganha-premio-nobel-de-literatura-de-2022.Acesso em1set/2025.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOGUE. The moving clarity of Annie Ernaux, Nobel Prize in Literature. 2022. Disponível em: https://www.vogue.com/article/the-moving-clarity-of-annie-ernaux-nobel-prize-literature.Acesso em11set/2025.

WIKIPEDIA. Annie Ernaux. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Annie_Ernaux.Acesso em 11 set/2025.

ZANDWAIS, Ana. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. *In*: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin e o Círculo.* São Paulo: Contexto, 2016. p. 97-116.